



IX ENCONTRO DE HISTÓRIA ANTIGA
OS MUNDOS ANTIGOS E O
BRASIL CONTEMPORÂNEO

CADERNO DE
PROGRAMAÇÃO



28 NOV. A 01 DEZ. DE 2022
FLORIANÓPOLIS - SC



XI Encontro Nacional de História Antiga

“Os Mundos Antigos e o Brasil Contemporâneo”

Florianópolis-SC, 28 de novembro a 01 de dezembro de 2022

Comissão organizadora:

Alex Degan (UFSC), Camila Condilo (UnB), Dominique Santos (FURB), Fabio Faversani (UFOP), Fábio Morales (UFSC), Gustavo Oliveira (PUC-Campinas),
Uiran Gebara da Silva (UFRPE)

Apoio Técnico:

Discentes UFSC - Ana Carolina Camargo, Bruna Vitória Grandó, Luiz Antonio Goulart de Oliveira, Maria Eduarda Welzel, Marina Bortolatto, Vitor Augusto Ramos

Arte:

Bruna Vitória Grandó (UFSC)

Apoio e Realização:

Associação Nacional de História – Seção Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em História – UFSC



SUMÁRIO

Programação	1
Conferências e palestras.....	6
Conferências.....	8
Mesas redondas	8
Lançamento de Livros.....	9
Minicursos.....	11
M1. Língua egípcia: rudimentos à decifração de hieróglifos e histórico da língua	12
M2. Novos olhares sobre a Antiguidade: A construção de epistemologias a partir do Sul Global sobre o Egito e a Mesopotâmia	13
M3. Imagens de caça na Antiguidade: da Assíria à Macedônia.....	15
M4. A historiografia latina na Antiguidade Tardia	17
M5. História Antiga e Humanidades Digitais: Ensino, Pesquisa e as Tecnologias	18
Simpósios Temáticos	20
ST1. Religiosidade, Mito e Magia na Antiguidade.....	21
ST2. O teatro na Pólis e a Pólis no teatro.....	32
ST3. História Antiga Escolar, cultura histórica e memória social: objetos de pesquisa e práticas de ensino	38
ST4. História Antiga Global: desafios e perspectivas.....	45
ST5. (Re)existências e resistências da Antiguidade.....	56
PÔSTERES	67

PROGRAMAÇÃO

(HORÁRIOS E LOCAIS)

SEGUNDA-FEIRA, DIA 28/11

Manhã (9h30-12h)		
Atividade	Título	Local
Minicurso	M2. Novos olhares sobre a Antiguidade: A construção de epistemologias a partir do Sul Global sobre o Egito e a Mesopotâmia	Auditório do Bloco F (sétimo andar)
Minicurso	M3. Imagens de caça na Antiguidade: da Assíria à Macedônia	LAPIS (Bloco E, sétimo andar)
Minicurso	M5. História Antiga e Humanidades Digitais	Miniauditório (Bloco B, segundo andar)

Tarde (14h-17h)
Não haverá atividade (jogo da seleção brasileira na Copa)

Noite (18h30-21h)		
Atividade	Título	Local
Conferência (19h30)	“História Grega, História das Mulheres e Relações de Gênero”, por Marta Mega de Andrade (UFRJ)	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

TERÇA-FEIRA, DIA 29/11

Manhã (9h30-12h)		
Atividade	Título	Local
Minicurso	M1. Língua egípcia: rudimentos à decifração de hieróglifos e histórico da língua	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)
Minicurso	M2. Novos olhares sobre a Antiguidade: A construção de epistemologias a partir do Sul Global sobre o Egito e a Mesopotâmia	Auditório do Bloco F (sétimo andar)
Minicurso	M3. Imagens de caça na Antiguidade: da Assíria à Macedônia	LAPIS (Bloco E, sétimo andar)
Minicurso	M5. História Antiga e Humanidades Digitais	Miniauditório (Bloco B, segundo andar)

Tarde (14h-17h)		
Atividade	Título	Local
ST	Religiosidade, Mito e Magia na Antiguidade	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)
ST	O teatro na Pólis e a Pólis no teatro	Miniauditório (Bloco B, segundo andar)
ST	História Antiga Escolar, cultura histórica e memória social: objetos de pesquisa e práticas de ensino	LAPIS (Bloco E, sétimo andar)
ST	História Global: desafios e perspectivas	Auditório do Bloco F (sétimo andar)
ST	(Re)existências e resistências da Antiguidade	Auditório do Anexo do Bloco E (térreo)

Noite (18h30-21h)		
Atividade	Título	Local
Posterês (18h30)	Apresentação de posterês	Pátio interno do Bloco B (térreo)
Mesa-redonda (19h30)	“O Ensino de História Antiga no Brasil”, com Airan Borges (UFRN), Lolita Guerra (UERJ) e Oldimar Cardoso (doutor, USP)	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

QUARTA-FEIRA, DIA 30/11

Manhã (9h30-12h)		
Atividade	Título	Local
Minicurso	M1. Língua egípcia: rudimentos à decifração de hieróglifos e histórico da língua	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)
Minicurso	M4. A historiografia latina na Antiguidade Tardia	Auditório do Anexo do Bloco E (térreo)
Minicurso	M3. Imagens de caça na Antiguidade: da Assíria à Macedônia	LAPIS (Bloco E, sétimo andar)
Minicurso	M5. História Antiga e Humanidades Digitais	Miniauditório (Bloco B, segundo andar)

Tarde (14h-17h)		
Atividade	Título	Local
ST	Religiosidade, Mito e Magia na Antiguidade	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)
ST	O teatro na Pólis e a Pólis no teatro	Miniauditório (Bloco B, segundo andar)
ST	História Antiga Escolar, cultura histórica e memória social: objetos de pesquisa e práticas de ensino	LAPIS (Bloco E, sétimo andar)
ST	História Global: desafios e perspectivas	Auditório do Bloco F (sétimo andar)
ST	(Re)existências e resistências da Antiguidade	Auditório do Anexo do Bloco E (térreo)

Noite (18h30-21h)		
Atividade	Título	Local
Lançamento (18h30)	Lançamentos de livros	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)
Mesa-redonda (19h30)	“Desembranquecendo as Antiguidades”, com Juliana Machado (UFSC), Gilberto Francisco (UNIFESP) e Márcia Vasques (UFRN)	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

QUINTA-FEIRA, DIA 01/11

Manhã (9h30-12h)		
Atividade	Título	Local
Minicurso	M1. Língua egípcia: rudimentos à decifração de hieróglifos e histórico da língua	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)
Minicurso	M4. A historiografia latina na Antiguidade Tardia	Auditório do Anexo do Bloco E (térreo)

Tarde (14h-17h)		
Atividade	Título	Local
ST	Religiosidade, Mito e Magia na Antiguidade	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)
ST	O teatro na Pólis e a Pólis no teatro	Miniauditório (Bloco B, segundo andar)
ST	História Antiga Escolar, cultura histórica e memória social: objetos de pesquisa e práticas de ensino	LAPIS (Bloco E, sétimo andar)
ST	História Global: desafios e perspectivas	Auditório do Bloco F (sétimo andar)
ST	(Re)existências e resistências da Antiguidade	Auditório do Anexo do Bloco E (térreo)

Noite (18h30-21h)		
Atividade	Título	Local
Reunião (18h30)	Reunião do GTHA	Auditório do CFH (Bloco B)
Conferência de Encerramento (19h30)	“El surgimiento del Estado en Egipto”, por Marcelo Campagno (UBA)	Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

Conferências

Abertura: *História Grega, História das Mulheres e Relações de Gênero*, por Marta Mega de Andrade (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Data: 28/11

Horário: 19h30

Local: Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

Encerramento: *El surgimiento del Estado en Egipto*, por Marcelo Campagno (Universidad de Buenos Aires)

Data: 01/12

Horário: 19h30

Local: Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

Mesas redondas

Mesa 1: Ensino de História Antiga no Brasil

19h30-20h: Airan Borges, *A Grécia de Athayde: Representações da Grécia Clássica nos cordéis de um poeta paraibano e suas potencialidades para o Ensino de História Antiga*

20h-20h30: Lolita Guerra, *"Pré-História e mitificação do passado nos livros didáticos"*.

20h30-21h: Oldimar Cardoso, *O Ensino de História Antiga e as funções sociais da História*

Data: 29/11

Horário: 19h30

Local: Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

Mesa 2: Desembranquecendo as Antiguidades

19h30-20h: Juliana Machado (UFSC), *História Indígena ou História Antiga do Brasil?*

20h-20h30: Gilberto Francisco (UNIFESP), *Questões preliminares para uma História Antiga Afro-conectada*

20h30-21h: Márcia Vasquez (UFRN), *Identidades em debate: Os múltiplos Egípcios*

Data: 30/11

Horário: 19h30

Local: Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

**LANÇAMENTO DE
LIVROS**

Durante o XI Encontro Nacional de História Antiga, ocorrerão 3 lançamentos de livros:

Semíramis Corsi, O Império Romano no Século III. Crises, transformações e mutações (Desalinho, 2021)

Semíramis Corsi e Ivan Vieira, Compêndio Histórico de Mulheres na Antiguidade

Abner Alexandre Nogueira, Visões em Fúria: a Construção das Narrativas Históricas Fílmicas em Fúria de Titãs – 1981 e 2010 (CRV, 2022)

Data e local: Os lançamentos ocorrerão no Anfiteatro do CFH (bloco B, térreo), no dia 30/11, a partir das 18h30.

MINICURSOS

M1. Língua egípcia: rudimentos à decifração de hieróglifos e histórico da língua

Proponentes: Marcos José de Araújo Caldas (docente – UFRRJ), Nely Feitoza Arrais (docente – UFRRJ)

Local: Auditório do CFH (Bloco B, térreo)

Datas: 29/11, 30/11 e 01/12

Horário: entre 9h30 e 12h

Resumo: Este minicurso pretende de forma apenas sumária e introdutória apresentar os rudimentos da Língua Egípcia, suas fontes escritas e algumas metodologias de ensino com vistas à formação e difusão da Língua Egípcia Clássica voltada especialmente para alunos da graduação.

Bibliografia

ALLEN, James P. Middle Egyptian: An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs. New York: Cambridge University Press, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion. O Egito Antigo. São Paulo: Brasiliense, 1982 _____ . Sociedades do Antigo Oriente Próximo. São Paulo: Ática, 1994.

FISCHER, Henry G. – Ancient Egyptian Calligraphy. 4a. The Metropolitan Museum of Art. Nova Iorque, 1999.

GARDINER, Alan. Egyptian Grammar. 3a. edição revista, London: Oxford University Press, 1994.

HOOKER, J. T. Lendo o Passado: a história da escrita antiga do cuneiforme ao alfabeto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

LOPRIENO, Antonio. Ancient Egyptian. A linguistic Introduction. Cambridge University Press: Cambridge, 1995.

MENU, Bernadette. Petite grammaire de l'égyptien hiéroglyphique à l'usage des débutants. Paris: Geuthner, 1990. _____ . Petit lexique de l'égyptien hiéroglyphique à l'usage des débutants. Paris: Geuthner, 1989.

PEREIRA, Ronaldo Guilherme Gurgel – Gramática Fundamental de Egípcio Hieroglífico. Para o Estudo do Estágio Inicial da Língua Egípcia (de ca. 3000 a 1300 a. C.). Prefácio de Pascal Vernus. 2ª. edição. Lisboa: Editora Chiado, 2016.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

M2. Novos olhares sobre a Antiguidade: A construção de epistemologias a partir do Sul Global sobre o Egito e a Mesopotâmia

Proponentes: Janaina de Fátima Zdebskyi (doutoranda, UFSC) e Raisia Sagredo (doutoranda, UFSC)

Local: Auditório do Bloco F (sétimo andar)

Datas: 28/11 e 29/11

Horário: entre 9h30 e 12h

Resumo: Durante muitas décadas, olhares, interpretações e epistemologias que hoje percebemos como eurocentradas, patriarcais e racistas produziram conhecimento histórico e arqueológico sobre sociedades da História Antiga. A partir das críticas advindas de teóricos decoloniais e de discussões que, a partir das nossas experiências enquanto latinas e brasileiras, compreendem o passado e o presente com suas demandas atuais como entrelaçados, novos olhares começam a ser tecidos. O minicurso se propõe a refletir sobre metodologias possíveis para trazer a público outras narrativas possíveis sobre o tempo e o espaço da Antiguidade, apresentando a possibilidade de construir um arcabouço teórico metodológico a partir da epistemologia decolonial para analisar fontes em torno do Egito e na Mesopotâmia. Nosso objetivo é proporcionar um contato com essas fontes antigas, que há muito tempo foram estudadas e investigadas sob uma ótica colonialista, e mostrar as possibilidades de se trabalhar com um aporte teórico e metodológico pautado nos estudos decoloniais e as contribuições desse olhar para o campo da História Antiga como um todo. Propomos trabalhar alguns pontos específicos como a racialização dos antigos egípcios, as representações de Cleópatra, problematizar as visões contemporâneas construídas a partir da imagem de divindades mesopotâmicas, como Inanna, que por vezes são lidas como demônios ou representações da Lilith judaico cristã e mesmo a ideia de que os grandes deuses mesopotâmicos (Anunnakis) seriam seres extraterrestre que teriam “colonizado” a Terra. Assim, discutir e (re)pensar a História Antiga de forma decolonial é um convite a desconstruir o eurocentrismo que impregna o passado de sociedades antigas e que moldaram durante tanto tempo nossas próprias representações e perguntas feitas a esse passado.

Bibliografia

- ADAM, S.; VERCOUTTER, Jean. A importância da Núbia: um elo entre a África central e o Mediterrâneo. In: MOKHTAR, Gamal. História Geral da África. Vol II: África Antiga. Brasília: UNESCO, 2010.
- APPIAH, Kwame A. Na casa de meu pai – a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ASSMANN, Jan. Collective memory and cultural identity. New German Critique; N°. 65, Cultural History/Cultural Studies, pp. 125- 133. Duke University Press, 1995.
- BAKR, A. Abu. O Egito faraônico. In: MOKHTAR, Gamal. História Geral da África. Vol II: África Antiga.

Brasília: UNESCO, 2010. BENJAMIN, Walter. Ensaios sobre literatura e história da cultura. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: v. 1. Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouane. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BARBOSA, Muryatan Santana. A África por ela mesma: a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO). Tese; Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2012.

BREASTED, James H. The Conquest of Civilization. New York; London: Harper and Brothers. 1926.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Etnia, nação e antiguidade: um debate. In: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Fronteiras & etnicidade no mundo antigo. Pelotas: UFPEL/ULBRA, 2005, p.87-104.

DIOP, Cheikh Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (Org). História Geral da África II. África antiga. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2011.

FAGE, J. D. A evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO (coord.). História Geral da África Vol.I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Paulo F. de Moraes. Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. Revista Afro-Ásia, Salvador, n. 29/30, p. 317-343, 2003.

LEMONS, Rennan de S. O Egito antigo – novas contribuições brasileiras, Rio de Janeiro, 2014.

_____; VIEIRA, Fábio A. Práticas mortuárias no Egito e na Núbia sob o reino Novo Egípcio: avaliando o emaranhamento cultural na África antiga. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, v. 14, n. 2. Jul/Dez de 2014.

ETCSL, The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature. Disponível em: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

M'BOKOLO, Elikia. África Negra: História e civilizações. Tomo I (Até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Antígona: Portugal, 2014. MIGNOLO, Walter. Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo horizonte: editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, [s.l.], n. 34, 2008, p. 287-324.

MIGNOLO, Walter. 'Un paradigma otro': colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: MIGNOLO, Walter. H

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998. historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Tradução Juan María Madariaga y Cristina Veja Solís. [Madrid]: Ediciones Akal, 2003.

POZZER, Katia Maria Paim. O gesto, a palavra e a performance: Uma experiência religiosa mesopotâmica. In: DIAS, Carolina Kesser Barcellos; SILVA, Semíramis Corsi; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (org.). Experiências Religiosas no Mundo Antigo. v. 1. Curitiba: Prismas, 2017.

Sagredo, Raisal. Raça e etnicidade: questões e debates em torno da (des)afrikanização do Egito antigo. Orientador, Sílvia Marcus de Souza Correa - Florianópolis, SC, 2017.

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. (1978). Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 61-163.

M3. Imagens de caça na Antiguidade: da Assíria à Macedônia

Proponente: Thiago do Amaral Biazotto (doutorando, UNICAMP)

Local: Lapis (Bloco E, sétimo andar)

Datas: 28/11, 29/11 e 30/11

Horário: entre 9h30 e 12h

Resumo: O objetivo deste minicurso é discutir e analisar um dos temas presentes com maior frequência na arte do Mundo Antigo: a caça. Para isso, serão focalizadas três sociedades que se destacaram na produção desse repertório: Assíria, Pérsia e Macedônia, cobrindo recorte vasto temporal que vai do século IX ao III a.C. Embora organizado de forma cronológica, o curso irá privilegiar os intercâmbios culturais e, sobretudo, iconográficos entre essas três culturas. Além de aprofundar seus conhecimentos sobre a arte antiga de forma geral, o inscrito receberá ferramentas para incrementar sua leitura de imagens produzidas em qualquer período histórico. Ao longo das três aulas, um dado conjunto de obras será enfatizado, a saber: Assíria – palácios de Kalhu e Nínive; Pérsia – Iconografia funerária e programa de Persépolis; Macedônia – Mosaico de Pela e Tumba II de Vergina.

Bibliografia

ALMAGOR, Eran. "Hunting and Leisure Activities". In: JACOBS, Bruno & ROLLINGER, Robert (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. Vol. II. Hoboken: Blackwell, 2021, pp. 1107-1120.

ANDRONIKOS, Manolis. *Vergina: The Royal Tombs and the Ancient City*. Athens: Ekdotike Athenon, 1984.

BRIANT, Pierre. "Chasses royales macedoniennes et chasses royales perses: le theme de la chasse au lion sur la Chasse de Vergina". *Dialogues d'Histoire ancienne*, nº 17, pp. 211-255, 1991.

BRIANT, Pierre. *From Cyrus to Alexander: a History of the Persian Empire*. Tradução de Peter Daniels. Winona Lake: Eisenbrauns Press, 2002 [1996].

COHEN, Ada. *Art in the Era of Alexander the Great: Paradigms of Manhood and their Cultural Traditions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ETTINGHAUSEN, Richard & HARTNER, Willy. "The Conquering Lion, the Life Cycle of a Symbol". *Oriens*, vol. 17, pp. 161-171, 1964.

KERTAI, David. *The Architecture of Late Assyrian Palaces*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

LION, Brigitte & MICHEL, Cécile. "Les chasses royales néo-assyriennes: textes et images". In: SIDÉRA, Isabelle et alii (orgs.). *La chasse: pratiques sociales et symboliques*. Paris: De Boccard, 2006, pp. 217-233

LLEWELLYN-JONES, Lloyd. *King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BC*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

NADALI, Davide. "L'immagine del re e la retorica della geometria. Riflessioni sulla Bildgliederung dei rilievi della Sala del Trono di Assurnasirpal II". In: DOLCE, Rita (org.). *Quale Oriente? Omaggio a un Maestro*. Studi di Arte e Archeologia del Vicino Oriente in memoria di Anton Moortgat a trenta anni dalla sua scomparsa.

Palermo: Flaccovio Editore, 2010, pp. 179-198.

PALAGIA, Olga. "Hephaestion's Pyre and the Royal Hunt for Alexander". In: BOSWORTH, Albert Brian & BAYNHAM, Elizabeth (orgs.). *Alexander the Great in Fact and Fiction*. Oxford: Oxford University Press, 2000, pp. 167-206.

REDE, Marcelo. "Imagem da violência e violência da imagem: guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII a.C.)". *Varia Historia*, vol. 34, n° 64, pp. 81-121, 2018.

ROOT, Margaret Cool. *The King and Kingship in Achaemenid Art*. Leiden: Brill, 1979.

TRIPODI, Bruno. "Il fregio della caccia della II tomba reale di Vergina e le cacce funerarie d'Oriente". *Dialogues d'histoire ancienne*, n° 17, pp. 143-209, 1991.

WATANABE, Chikako. "Symbolism of the Royal Lion Hunt in Assyria". In: PROSECKY, Jiri. (ed.). *Intellectual Life of the Ancient Near East*. Prague: Oriental Institute, 1998, pp. 439-450.

M4. A historiografia latina na Antiguidade Tardia

Proponente: Gustavo H. Sartin (doutor, UFOP)

Local: Auditório do Anexo do bloco E (térreo)

Datas: 29/11, 30/11 e 01/12

Horário: entre 9h30 e 12h

Resumo: A historiografia latina tardoantiga é marcada pela ascensão das crônicas e da história eclesiástica. Neste curso, pretendemos analisar em contraposição a obras historiográficas mais tradicionais, como a história escrita por Amiano Marcelino e as obras de Jordanes, “Getica” e “Romana”, que se aproximam do gênero breviário.

Bibliografia

SARTIN, Gustavo H. Fontes documentais sobre o fim do Império Romano do Ocidente: a Crônica sobre Teoderico e a Crônica do Conde Marcelino. São Paulo: Dialética, 2022.

SARTIN, Gustavo H. A história dos godos escrita por Jordanes: estudo e tradução. São Paulo: Dialética, 2021.

MARASCO, Gabriele (ed.). Greek and Roman Historiography: Fourth to Sixth Century. Boston and Leiden: Brill, 2003.

DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (ed.). Historiography in the Middle Ages, Boston and Leiden: Brill, 2003.

M5. História Antiga e Humanidades Digitais: Ensino, Pesquisa e as Tecnologias

Proponentes: Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (docente – UNESP-Assis); Abner Alexandre Nogueira (doutorando – UNESP-Assis)

Local: Miniauditório (bloco B, segundo andar)

Datas: 28/11, 29/11 e 30/11

Horário: entre 9h30 e 12h

Resumo: Introdução aos estudos das Humanidades Digitais aplicadas à História antiga na pesquisa e em seu ensino em vários níveis. É importante salientar que as tecnologias aplicadas a esse processo devem ser objeto de reflexão e análise. Portanto, é necessário abordar elementos conceituais e metodológicos como História Pública Digital, História e Cinema, além de promover um debate sobre Consciência Histórica e Cultura Histórica como elementos necessários para se construir o conhecimento histórico em seus vários âmbitos.

Bibliografia

- BURDICK, Anne.; DRUCKER, Johanna; LUNENFELD, Peter; PRESNER. Um breve guia para as humanidades digitais. *Revista Teccogs*, 21, jan-jun 2020.
- DE CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- FERREIRA, R. de. A. Qual a relação entre a história pública e o ensino de História. In: MAUAD, A. M; BORGES, V. T; SANTHIAGO, R. *Que História Pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 29-48.
- FOSTER, Meg. Online and plugged In: Public history and historians in the digital age. *Public History Review*, Vol 21, 1-19, 2014.
- FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler*. São Paulo: Editora Cortez, 1982.
- HARTOG, F. *Regimes de Historicidade: presenteísmo e experiências do tempo*. 1ª. Edição/4ª. Reimpressão. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2021.
- KELLEY, R. Public History: its Origins, Nature, and Prospects. *Public Historian*, v. 1, n. 1, p. 16–28, 1978.
- LEE, Peter. Porque Aprender História. *Educar em Revista*. Dossiê História, Epistemologia e Ensino. Desafios de um diálogo em tempos de incertezas. N.42; Out.-Dez.2011, pp.19-42.
- LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 107-146, abr./jun. 2016.
- NOIRET, S. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, v. 11, n. 1, p. 28–51, 2015.
- PARISOTO, F., & TELLES, T. R. As novas tecnologias como instrumento de aprendizagem no ensino de História. *Trajetória Multicursos*, 7(2), 19-37, 2016.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins.

Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. História viva: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007a.

RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado: os princípios da pesquisa histórica. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007b.

RÜSEN, Jörn. Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas. Tradução de Peter Rautmann, Caio Pereira, Daniel Martineschen e Sibebe Paulino. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHMIDT, M. A. M. S. & GARCIA, T. M. F. B. A Formação da Consciência Histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & MARTINS, Estevão de Rezende (org.). Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história. Curitiba: W. A. Editores, 2016.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

ST1. Religiosidade, Mito e Magia na Antiguidade

Organizadores: Semíramis Corsi Silva (UFSM) e Carlos Eduardo da Costa Campos (UFMS)

Local: Auditório do CFH (bloco B, térreo)

Mesa 1 (29/11, 14h-17h): Religiosidades

Fabio Vergara Cerqueira (UFPel), *Iynx: o feitiço de amor e a religião de Afrodite e Eros na iconografia dos vasos ápulos (séc. IV a.C.)*.

Resumo: A iynx é um objeto circular presente na iconografia antiga, e destacadamente na pintura dos vasos ápulos do séc. IV a.C., associando-se a cenas de conotação amorosa, com frequência a Eros e a Afrodite, de quem é um atributo. O vocábulo iynx continha vários significados. A palavra, em si, era usada também para encantamentos amorosos. O termo designa ao mesmo tempo o objeto e um passarinho, que na verdade dava nome ao objeto. O pássaro iynx pertence a uma espécie de pica-pau eurasiático conhecida como *Jynx torquilla*, que se caracteriza por um movimento particular do pescoço, que lhe permite girar a cabeça quase como uma coruja. O objeto se compunha de um pequeno aro giratório, daí a relação com o movimento da cabeça do passarinho. Este objeto possuía uma finalidade mágica diretamente ligada à natureza mítica do pássaro que lhe dá nome. No mito narrado em Píndaro, *Píticas* 4.380, Afrodite presenteia esse pássaro a Jasão, conferindo-lhe poderes mágicos para conquistar a princesa Medeia. Não se afasta assim do sentido associado ao amor e ao casamento. Afrodite teria inventado este objeto mágico, prendendo o passarinho a uma pequena roda giratória, suspensa por quatro ou seis fios, que giraria e produziria um som (no objeto em si, diferente do referencial mitológico, não haveria um pássaro preso a ele, mas, em alguns exemplares de terracota conservados de iynx, o objeto tem cabeças de passarinho, que têm sentido simbólico e funcional). Píndaro, *Nemeias* 4.56 relata ainda outra história, que teria cronologia anterior ao mito envolvendo Afrodite: Iynx na origem seria uma ninfa arcadiana, filha de Pan e de Eco, cujos encantamentos teriam feito Zeus se apaixonar por Io, razão pela qual Hera a transformou neste pássaro. A relação do objeto mágico iynx com Eros está evidenciada na pintura dos vasos ápulos, mas também em outros suportes, como no brinco de ouro British Museum 1877,0910.16, proveniente de Cuma, na Eólia, e contemporâneo da pintura vascular ápula em análise. O ourives representou, como delicados pingentes, pares de Eroses segurando uma iynx entre as mãos. Entre os vasos que analisaremos, destaco um prato em que vemos uma moça diante de um altar, dançando – no caso, a dança giratória com véu, *Manteltanz* – e, acima do

altar e diante da cabeça dela, no campo, uma iynx . Aqui, acreditamos, a presença da iynx indica que a performance representada diante do altar tem o escopo mágico-místico de um feitiço de amor, sendo compatível com o campo de ação de Afrodite e de Eros, e estando assim a dança potencialmente vinculada ao casamento como meta. Em diferentes ocasiões, algum personagem segura uma iynx em um ritual pré-nupcial , o que reforça a crença no seu poder místico propiciatório às conquistas amorosas e à esperança de felicidade na vida conjugal. O uso mágico da iynx, usado para feitiços que demandam dádivas amorosas (Pind. P. IV.10.216-220.), está exemplificado Teócrito, em que a palavra é usada em um mantra repetido por nove vezes, Ἴυνξ, ἔλκε τὸ τῆνον ἐμὸν ποτὶ δῶμα τὸν ἄνδρα, em que a mulher evoca iynx para conquistar o homem amado (Theoc. Id. II.17sq.). É possível que o tipo de som produzido pelo movimento giratório aplicado à iynx tivesse algum papel nos rituais ligados Afrodite e Eros, ou a outras divindades (como Semele evocada na Idílica de Teócrito sobre as praticantes de feitiços). Os usos e representações da iynx indicam uma situação em que as fronteiras entre magia e religião se dissolvem, poder dissolvente de fronteiras que de resto o amor tem capacidade de aplicar.

Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL), *As moedas e suas representações religiosas no Século IV. Modelo Constantiniano*

Resumo: Esse texto procura esclarecer o conturbado período e as reformas administrativas que vão culminar com a ascensão de Constantino, considerado por muitos como herdeiro político da Tetrarquia. Com fonte principal utilizaremos as moedas de Constantino e seus familiares. Ambas pertencentes a coleção do Museu Histórico Nacional / RJ, importante acervo arqueológico brasileiro. A moeda estruturalmente ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

Semíramis Corsi Silva (UFSM), *A castração ritual dos galli, sacerdotes de Cibele: entre o mito e as práticas religiosas no corpo do iniciado.*

Resumo: Galli é como eram chamados os sacerdotes da deusa frígia Cibele, incorporada ao panteão oficial romano no século III AEC e protagonista de uma das religiosidades mais importantes do mundo greco-romano antigo. Sobre esses sacerdotes, há uma série de textos escritos no contexto romano nos quais eles são representados como castrados, emasculados em seu corpo, em suas vestimentas e em suas performatividades, sempre de forma bastante negativa. A possível prática ritual de intervenção no corpo realizada pelos galli estava ligada ao mito de Átis, deus consorte de Cibele. Tal rito tinha, em seu substrato, elementos de fertilidade e prosperidade para deuses da vegetação e da natureza. Sabendo disso, o objetivo deste trabalho é apresentar o mito que promove o sentido do ritual, analisar as representações

literárias da castração dos galli em textos de escritores do Império Romano e realizar considerações sobre as possíveis práticas que envolviam o processo físico no corpo dos sacerdotes iniciados. Dessa forma, a análise da tradição literária será cruzada com estudos sobre as práticas, dentro das possibilidades diante da documentação existente.

Gustavo H. Sartin (UFOP), *Considerações acerca da Bíblia de Ulfila*.

Resumo: Composta no século IV, essa bíblia foi elaborada para ser utilizada pelos godos em sua igreja, onde o serviço era feito em Gótico. Sendo o único exemplo de uma bíblia germânica na Antiguidade Tardia, a Bíblia de Ulfila esteve em uso enquanto os povos germânicos mantiveram uma igreja independente, na qual professavam o credo ariano, ou seja, até a conversão do rei visigodo Recaredo I ao catolicismo, no ano de 587.

Alexandre Cozer (UFPR), *Diversidade religiosa no culto a Priapo: uma leitura interpretativa da Priapeia e da arqueologia*.

Resumo: Desde os anos 1960, interpretações antropológicas sobre a religião têm sugerido que as práticas do politeísmo e do monoteísmo fazem parte de um mesmo espectro de relações que se pode ter com o divino: um pagão pode tomar deuses para si, um cristão pode recorrer a santos diversos. Essa perspectiva abre caminho para que as divindades do mundo romano sejam percebidas também em alguma pluralidade de sentido, dado que seriam usadas de maneiras diferentes e com valores específicos para cada cultor. Nesse sentido, essa comunicação busca analisar a Priapeia e a documentação sobre Priapo para pensar as diversas formas como os romanos poderiam se apropriar da divindade nos ambientes em que ela seria alocada. Intencionamos, com isso, abrir espaço para leituras que percebem as funções religiosas dos deuses de maneiras menos unívocas, permitindo assim deslocamentos de sentidos entre diferentes âmbitos da cultura religiosa, bem como da vida cotidiana dos antigos que nele acreditavam.

Alan Gracioto Alexandre (UNASP), *Israel na Terra Prometida: Uma Análise da Religiosidade e Troca Cultural entre Hebreus e Canaanitas (1550 – 1000 A. E.C.)*.

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo explorar e desenvolver acerca da religiosidade e cultura israelitas após o contato com os povos cananeus. Em termos cronológicos, o recorte temporal corresponde a Idade do Bronze Tardio (1550 – 1200 A. E. C.) e início da Idade do Ferro I (1200 – 1000 A. E. C.). Tal abordagem visa explorar o contexto político e social de ambas as etnias no período da conquista hebreia. Apesar de apresentar uma base religiosa

monoteísta, é impossível afirmar que Israel aplicou esse princípio em seus padrões de culto durante o período proposto. Nesse cenário, o culto monoteísta e integral à Yahweh foi substituído por uma adoração henoteísta, – a qual o Deus de Israel dividia a adoração com deidades do panteão ugarítico. O objetivo do empreendimento é compreender e comparar ambas as culturas, a fim de estabelecer o alcance da troca e hibridismo cultural entre Canaã e Israel em seu período tribal e formação nacional. Para atingir tal objetivo, será necessária uma conversação teórica com a Arqueologia, cujas descobertas podem ser de grande utilidade para a produção histórica. Ressalta-se que mesmo diante desse cenário de hibridismo cultural, a base monoteísta dos hebreus se mostra subjetiva e sem paralelos no mundo antigo, e que em momentos posteriores, as práticas absorvidas em Canaã foram abandonadas.

Mesa 2 (30/11, 14h-17h): Mitos

Ivan Vieira Neto (UFG/PUC Goiás), *Uma cartografia mítico-histórica da identidade helênica: Helena de Esparta e a construção do ἥθος grego.*

Resumo: Helena de Esparta é «ἡ καλλίστη», a mulher mais bela que já existiu no mundo mortal. Por sua beleza, «Helénē» foi cobiçada por todos os príncipes aqueus, foi raptada por Páris e, destarte, tornou-se o casus belli da animosidade entre dânaos e dardânios. Desde a sua estreia no drama épico, Helena é apresentada como persona passiva: concebida por Zeus e Thémis/Mómos para funcionar como a contraparte feminina de Aquileus: a beleza da primeira arrasta à guerra multidões de gregas e de bárbaros, enquanto a fúria do segundo se encarrega de encerrar ali as vidas de muitos heróis. Quando a avistamos em sua aparição inaugural ante os olhos do Ocidente, a deusa Ísis encontra-a tecendo uma tapeçaria que narra a violência das batalhas em Troia (Ilíada. Γ, 125) e, na sequência, convoca-a a assistir sobre as muralhas da cidade o combate individual entre seu marido argivo e seu marido teucro. Terminada a guerra, vislumbramo-la uma outra vez pelos olhos fascinados de Telémakhos em Esparta. Durante o jantar que os anfitriões oferecem aos hóspedes Telémakhos e Psístrato, Helena nos conta que se deparou com Odisseus dentro dos muros da distinta Ílion, quando dele cuidou e ouviu do conterrâneo os planos dos aqueus sobre a queda de Troia (Odisséia. Δ, 250-264). A passividade com que a tradição grega representou Helena é uma das questões mais interessantes no corpus literário da Antiguidade. Afinal, o nascimento espiritual da Hélade se faz pela força, presença ou ausência de Helena: se não pelo étimo, então especificamente pelo poder do seu «mitologema». Nesta comunicação, visitaremos alguns episódios relacionados à personagem épica Helena de Esparta com vistas a perceber a sua centralidade na narrativa homérica e sua importância para a construção do imaginário grego sobre a própria identidade.

Ismael Wolf Ferreira (UNIRIO), *A gênese dos “mistérios de Mitra”*: uma análise do tema através de Cumont, Beck, Clauss e dos antigos

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão e revisão em torno das origens dos chamados "mistérios de Mitra". Serão analisados documentos literários da Antiguidade, bem como as abordagens iniciais de Franz Cumont, e como Roger Beck e Manfred Clauss, duas das principais referências atuais nos estudos sobre mitraísmo romano, têm lidado com este tópico nos últimos 30 anos.

Raisa Barbosa Wentelein Sagredo (UFSC), *(Re)pensando a deusa Diana da mitologia da Antiguidade à Bruxaria Contemporânea: uma Cosmohistória?*

Resumo: O trabalho proposto busca, através do aporte teórico-metodológico da Memória Cultural de Jan Assmann (2000), da Cosmohistória de Federico Navarrete (2011) e na perspectiva da longa duração, compreender como se constrói a relação entre a mitologia greco-romana da Antiguidade e a Bruxaria Contemporânea, através da figura da divindade Diana. Esta deusa está presente nas principais obras que vieram a fundamentar o surgimento da Bruxaria Neopagã, indiretamente ou diretamente, como O ramo de Ouro (1890) de James Frazer, Aradia, o Evangelho das Bruxas (1899) de Charles Leland, O Culto das Bruxas na Europa Ocidental (1921) de Margaret Murray e A Bruxaria Hoje (1954) de Gerald Gardner. Como a donzela caçadora Diana vem a configurar-se como parte importante da própria história da bruxaria? De que forma a Memória Cultural pode lançar luz nessa interpretação, sem cair na dicotomia de rupturas e permanências? Seria possível a interpretação da presença da deusa Diana para além do aspecto nacionalista presente na literatura citada e já identificado na historiografia, transcendendo esse debate e encontrando ecos no conceito de Cosmohistória? (Re)pensar a presença dessa deusa nas fontes dos séculos XIX e XX e no fenômeno da Bruxaria Contemporânea em seu contexto de surgimento e cosmovisão é um convite a compreender outras racionalidades, que dentro dos estudos da História das Religiões, possibilitam conceber diferentes arranjos de temporalidades e sentidos de experiências.

Scheila Rotondaro Koch (USP), *Asclépio o deus-herói: o mito, o culto e sua trajetória na Antiguidade*.

Resumo: Pretendemos nessa comunicação apresentar o mito de Asclépio, que é ainda bastante desconhecido da maioria, algumas características de seu culto e alguns traços de sua trajetória

na Antiguidade através da cultura material, o que reforça a dimensão e a amplitude atingida pela divindade e a difusão desse culto nesse período.

Henrique Hamester Pause (UFSM), *O mito alexandrino: um fenômeno de longa duração*.

Resumo: Seguramente a figura de Alexandre Magno, ou Alexandre, o Grande (353 – 323 a.C.) ocupa, ainda hoje, uma posição de destaque em nosso imaginário social, político e educacional. Tal afirmação basea-se nos escritos do historiador Pedro Paulo Custódio (2006, p.15) que afirma que existe, ao longo da história, uma espécie de “ciclo alexandrino” que reuniria escritores desde a antiguidade, passando por lembranças no medievo, na modernidade, chegando até os dias de hoje. Para nós tamanhos usos e reusos da figura alexandrina perpassa uma espécie de culto que receberia o mito alexandrino ao longo da existência humana. Para tanto, nosso objetivo desse trabalho é argumentar a presença literária e na mentalidade de Alexandre ao longo da história e os usos políticos e sociais que foram empregados a sua imagem. Contudo uma delimitação nos é exigida, visto o vasto campo que esse objetivo nos apresenta. Para isso nos centraremos na literatura antiga e medieval sobre Alexandre, mais precisamente nas obras de Plutarco de Queroneia (Vida de Alexandre), Arriano de Nicomédia (Anábase de Alexandre Magno) e na obra da antiguidade tardia denominado Romance de Alexandre, atribuída a Pseudo-Calístenes (sendo esta última o grande balizar para a presença alexandrina na modernidade e na contemporaneidade). De antemão podemos afirmar que durante a Antiguidade a figura de Alexandre serviria como elemento de legitimação e poder, assim como um reunidor das virtudes e dos desvios (ou vícios) que um governante poderia ter, servindo, em primeira estância, como um exemplo ao governante ideal. Já no medievo seguindo as histórias de pseudo-calístenes Alexandre ora ira ser apresentado como exemplo de “cavalerismo” capaz de grandes feitos, alguns deles até mesmo divinos, ora, mais tarde, com a redescoberta dos autores da antiguidade irá reganhar suas dimensões políticas que ira florescer no imaginário francês, dos séculos XVII e XVIII que elaboraria um modelo de poder monárquico absoluto e que usar-se-ia do mito alexandrino.

Murilo Tavares Modesto (UFSM), *Lamentos heroicos: o uso de exempla de heróis enlutados nas consolações das Silvae de Estácio (séc. I EC)*.

Resumo: Em poemas consolatórios das *Silvae*, o poeta Públio Papínio Estácio (c. 45 – 96 EC) escreveu sobre o comportamento de seus destinatários durante o luto pela morte de alguém, muitas vezes comparando as intensas atitudes desses indivíduos com o lamento de personagens míticas e heroicas. Nesta comunicação, nosso objetivo é analisar o uso retórico destes exempla como uma forma de elogiar seus endereçados para os leitores das *Silvae*. Indicando que a obra circulava entre grupos de leitores interessados em poesia, especialmente em literatura épica,

argumentaremos que a retórica de Estácio apresentava o lamento de seus destinatários em um nível heroico, destacando a figura de seus destinatários diante dos leitores. Consideraremos, ainda, que os textos eram bem apropriados pela audiência das *Siluae*, os próprios homenageados das consolações teriam o potencial de se tornarem exempla para os leitores, que poderiam almejar serem representados da mesma forma em consolações. Por fim, avaliaremos o interesse do público das *Siluae* pelo lamento heroico.

Vander Gabriel Camargo (UFRGS), *Mito, Homoerotismo e Masculinidade Hegemônica nas Cerâmicas Áticas: o rapto de Pélops pelo deus Posídon e a cratera do pintor de Harrow (Vienna 3737)*.

Resumo: A partir do século V A.E.C., pinturas com temáticas homoeróticas relacionando deuses e mortais tornam-se frequentes em Atenas, entre os pares mais famosos nos suportes cerâmicos citam-se Zeus e Ganimedes, Zéfiro e Jacinto e Hermes e Páris. Conforme Fábio Vergara Cerqueira, além de agregar valor às suas produções, os artistas contribuem para justificar o amor por meninos através das composições que colocavam os deuses como vítimas do desejo por jovens humanos (2011). Esses mitos eram utilizados como modelos para nortear a relação entre homens mais velhos e mais jovens dentro da pederastia ateniense, a qual baseava-se na instrução das habilidades e dos valores essenciais para a convivência em sociedade àqueles que viriam a se tornar os novos cidadãos, relacionando-se estreitamente com o ensino dos papéis do gênero masculino em Atenas. Para além dos pares homoeróticos supracitados, uma série de vasos áticos apresentam cenas relacionadas ao mito da paixão de Posídon por Pélops, porém, não sendo examinados de forma aprofundada em estudos sobre o tema. Assim, selecionando-se o exemplar Vienna 3737, uma cratera de figuras vermelhas do pintor de Harrow que apresenta uma cena de perseguição entre as duas figuras, realiza-se a sua análise através do método Panofsky e reflete-se acerca da relação de sua composição iconográfica com a constituição da masculinidade hegemônica ateniense, ou seja, o modelo ideal de ser homem naquela sociedade.

Mesa 3 (1/12, 14h-17h): Magia

Katia Maria Paim Pozzer (UFRGs), *Magia e proteção de demônios e outros monstros mesopotâmicos*.

Resumo: As práticas religiosas no mundo mesopotâmico legaram abundantes registros na documentação textual, na cultura material e em objetos artísticos. A crença em forças

sobrenaturais que regiam a vida humana se expressou em inúmeras preces e rituais mágicos. Práticas exorcistas, com o auxílio de amuletos com propriedades apotropaicas, garantiam a proteção contra demônios e monstros. Nesta comunicação propomos realizar uma análise formal e simbólica do amuleto conhecido como a “Placa dos Infernos”.

André Bueno (UERJ), *Prolongar a vida, enganar a morte: a arte da alquimia na China Antiga*.

Resumo: Nessa apresentação, pretendemos examinar as práticas da alquimia chinesa durante a dinastia Han [206 AEC – 221 EC], mostrando suas crenças, quem eram seus praticantes e suas teorias fundamentais. Examinaremos os três sistemas básicos: a alquimia protoquímica, a calistenia e os ritos sexuais, e como essas artes estavam ligadas as crenças mágicas da sociedade chinesa, bem como mantinham uma estreita ligação com práticas científicas da época.

Carlos Eduardo da Costa Campos (UFMS/PROFHIST-UEMS), *As divindades invocadas nas inscrições mágicas (tabellae defixionum) de Roma entre os séculos IAEC – II EC*.

Resumo: O nosso objeto de reflexão nessa comunicação é uma inscrição mágica denominada de tabellae defixionum. Ao observarmos a sua composição é possível perceber a presença de discursos que variam desde a destruição de uma pessoa até a amarração amorosa. Tais inscrições circularam pelo Mediterrâneo Antigo, ao ponto de ganharem uma acentuada aplicação no Império Romano. Dessa forma, debateremos sobre os deuses que são invocados nessas defixiones, em Roma, no Lácio, entre os séculos I AEC e II EC.

Ana Paula Scarpa (USP), *O mosaico de composição dos feitiços nos Papiros Mágicos Greco-Egípcios: evolução e contextos*.

Resumo: O período de dominação romana do Egito caracterizou-se por diversas transformações, dentre elas as mudanças na tradição de práticas mágico-religiosas em vigor. Nossa comunicação tem por objetivo discutir a complexificação progressiva da formatação ritualística dessas práticas, principalmente no período tardo antigo, levando em conta a variabilidade de suas estruturas textuais e ritualísticas. Para isso, utilizaremos como fontes primárias de investigação os Papiros Mágicos Greco-Egípcios (PGM), um corpus papirológico composto majoritariamente entre os séculos I AEC e V EC, no qual encontramos os registros

prescritivos para o desempenho de múltiplos rituais mágico-religiosos. Buscaremos, assim, identificar o aparecimento e a recorrência de elementos característicos dessa tradição de religiosidade, como as *voces magicae*, as *historiolae*, os hinos de invocação e as *figurae magicae*, demonstrando como progressivamente as estruturas formulárias dos feitiços passaram a ser compostas por essas partes em relação de complementaridade. Por meio da investigação de tal complexificação composicional, objetivamos discutir em maior espectro dois pontos relativos aos contextos macro e micro que engendraram em diferentes níveis essa prática mágico-religiosa específica. O primeiro relaciona-se à dinâmica de flexibilização das fronteiras simbólicas e sociais envolvida em sua difusão a uma clientela mais diversificada, a qual habitava o solo egípcio durante o período romano. O segundo, por sua vez, diz respeito às condições e processos históricos anteriores e contemporâneos mais abrangentes que suscitaram a heterogeneidade étnica e cultural verificada, bem como suas flutuações contextuais decorrentes das reconfigurações da ordem imperial romana em si mesma e em relação às suas províncias.

Yasmin da Silva Pacheco (UFF), *Magia e Teoria da Agência: o caso dos Katádesmoi*.

Resumo: O objetivo do presente trabalho é apresentar os Katádesmoi, pequenas lâminas de chumbo com imprecações, enquanto prática mágica, e sua interação com o sagrado. As lâminas que aqui utilizaremos encontram-se, principalmente, no cemitério do Cerâmico, em Atenas, datadas entre os séculos V a.C. e IV a. C., o qual possuiu maior quantidade de artefatos encontrados. Nossa hipótese é que os principais envolvidos no ritual possuíam agência. Entendemos aqui a Teoria da Agência, segundo Antony Giddens, como a capacidade que as pessoas têm de realizar algo, de influenciar outras pessoas e o meio. Essa teoria se desdobra em rituais, como o dos Katádesmoi, uma vez que há presente a manipulação de escolhas e de elementos sobrenaturais. A partir de nossa análise, podemos inferir que esta agência se dá em três níveis. A primeira é compreendida no ato do solicitante de realizar a prática, exercendo sua agência no mundo sobrenatural, com o intuito de alcançar a realização de sua imprecação. Já o deus ctoniado possui agência e é agenciado, uma vez que o solicitante roga a este ser sobrenatural que intervenha em prol daquele que o agencia e exerce sua agência ao atuar frente as psychai, Essas psychai eram agenciadas pelo deus ctoniano para atender a solicitação ao qual ele serviu de intermediário. Entretanto, estas também eram agentes nesses rituais, uma vez que agiam e interferiam na vida do alvo da solicitação.

Jessica Regina Brustolim (USP), *O ritual de amaldiçoar em Mogontiacum: magia e relações sociais nas Defixionum Tabellae Mogontiacenses*.

Resumo: Defixionum Tabellae, ou tabuletas de maldição, em português, são, de modo geral, pequenas inscrições em chumbo que buscam obter a intervenção de deuses, demônios ou outros seres sobrenaturais em uma situação de conflito. Embora exista uma vasta produção acadêmica sobre o assunto desde o século XIX, esses estudos, frequentemente, focam-se nas particularidades dos textos mágicos, suas fórmulas, e variações, deixando de lado aspectos sociais da produção dessas fontes. Nas últimas três décadas, é notável um interesse crescente nesses aspectos, mas ainda há uma lacuna no que se refere aos estudos destas fontes como uma forma de magia popular. Alguns corpos documentais, como as Defixionum Tabellae Mogontiacenses, podem ser consideradas uma prática popular uma vez que utilizam um suporte barato e abundante (o chumbo), não demandam um conhecimento formal do latim e, por serem feitas em segredo, podem contradizer ou flexionar normas e hierarquias sociais. Desta forma, por meio de uma tradução e leitura crítica, além da tabulação dos dados e uma análise onomástica, o objetivo desta comunicação é analisar o corpo documental proveniente da antiga Mogontiacum romana (a atual cidade de Mainz, na Alemanha), produzido por volta de 132 EC, para compreender as diferentes relações sociais entre quem amaldiçoava e quem era amaldiçoado, os motivos para a maldição, a punição desejada e as estratégias empregadas para convencer a divindade invocada a atender o pedido. Além disso, também será explorada como essas pessoas se apropriavam da escrita e da magia para seus próprios fins. A partir desses elementos, defende-se a hipótese de que as maldições são um recurso de empoderamento para grupos subalternos em relações assimétricas de poder.

Resumo do ST: A relação com o sagrado é uma dimensão fundamental da experiência humana. É notório que diversas sociedades da Antiguidade desenvolveram formas de contato com a esfera do divino. Dessa maneira, há uma variedade de indícios históricos sobre cosmogonias, mitologias e rituais mágico-religiosos que nos ajudam a compreender as diferentes facetas de suas culturas, tais como questões de gênero, elementos de poder, aspectos das mentalidades, etc. Ressaltamos que o estudo das religiosidades na Antiguidade, portanto, colabora para a superação de visões reducionistas e preconceituosas que separam e até mesmo opõem mito, magia e religião. Tal temática sempre chamou a atenção de pesquisadores, desde a legitimação da História como uma área do conhecimento no século XIX. Entre os pioneiros, podemos citar James Frazer (1854-1941), Sigmund Freud (1856-1939), Émile Durkheim (1858-1917), Henri Hubert (1872-1927), Marcell Mauss (1872-1950), Carl Gustav Jung (1875-1961), Mircea Eliade (1907-1986), Lévi-Strauss (1908-2009), Walter Burkert (1931-2015), entre outros. Desse modo, cumpre notar que as investigações sobre religiosidades partem de influências de outras áreas do conhecimento como a Linguística, a Psicologia, a Arqueologia e a Antropologia. No entanto, questões novas têm sido colocadas para os pesquisadores e as pesquisadoras, especialmente depois da chamada virada cultural e das perspectivas advindas da Nova História Cultural e dos Estudos pós-coloniais e de Gênero. Neste Simpósio, almejamos reunir trabalhos que contribuam para o debate sobre religiosidade, mito e magia na Antiguidade e as recepções desses temas em outros momentos históricos.

Bibliografia:

- BELTRÃO, C.; SANTANGELO, F. (Orgs.). *Estátuas na Religião Romana/Statues in Roman Religion*. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2020.
- CAMPOS, C. E. C. *As tabellae defixionum da região do Lácio (I AEC – II EC): tradução e análise textual*. Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2021.
- CHEVITARESE, A. L.; ARGÔLO, P. F.; RIBEIRO, R. S. (Orgs.). *Sociedade e Religião na Antigüidade Oriental*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros – Senai, 2000.
- CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaio acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.
- COLOMBANI, M.C. *Hesíodo: discurso y linaje; una aproximación arqueológica*. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata, 2016.
- DIAS, C. K. B. (Org.); SILVA, S. C. (Org.); CAMPOS, C. E. C. (Org.). *Experiências religiosas no mundo antigo*. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2017. v. 1.
- DIAS, C. K. B. (Org.); SILVA, S. C. (Org.); CAMPOS, C. E. C. (Org.). *Experiências religiosas no mundo antigo*. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2017. v. 2.
- FRANKFURTER, D. *Guide to the study of ancient magic. Religions in the Graeco-Roman world, volume 189*. Leiden: Brill, 2019.
- FUNARI, P. P. A. (Org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HUBERT, H. *A Magia no Mundo greco-romano (Edição Bilingue e crítica)*. Tradução e organização de Rafael Faraco Benthien. São Paulo: Edusp, 2021.
- ROCHA, I. E. *Práticas e Representações Judaico-Cristãs. Exercícios de Interpretação*. 1. ed. Assis: FCL-Assis-Unesp Publicações, 2004.
- SILVA, S. C. *Magia e Poder no Império Romano. A Apologia de Apuleio*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2012.
- STRATTON, K. B.; KALLERES, D. S. (Eds.). *Daughters of Hecate: Women and Magic in the Ancient World*. New York: Oxford University Press, 2014.
- WATSON, L. C. *Magic in ancient Greece and Rome*. London; New York: Bloomsbury Academic, 2019.

ST2. O teatro na Pólis e a Pólis no teatro

Organizadores: Matheus Barros da Silva (UFRGS) e Jussemar Weiss Gonçalves (FURG)

Local: Miniauditório (Bloco B, segundo andar)

Mesa 1 (29/11, 14h-17h): Teatro e Política

Darcylene Pereira Domingues (UFPel), *Discurso e ação feminina em As Traquínias e Medeia: os limites e enfrentamentos das mulheres*

Resumo: O presente trabalho visa utilizar como fonte de pesquisa histórica duas tragédias gregas produzidas no século V a. C na cidade de Atenas. Para tanto, selecionamos As Traquínias de autoria de Sófocles e Medeia de autoria de Eurípidas para demonstrar o discurso feminino e a ação trágica das mulheres presentes nas obras. Ambas peças teatrais apresentam uma situação inicial próxima, Dejanira e Medeia são mulheres maduras e mães de filhos homens, contudo foram preteridas por outras jovens. Além disso, ambas as personagens trágicas buscam auxílio do Coro composto pelas moradoras da cidade na qual a obra estão ambientada: Traquis e Corinto. É justamente esse coletivo feminino que ampara essas mulheres e escuta os seus clamores a respeito da domesticidade no interior do oikos e da diferença entre os homens e as mulheres na sociedade grega. Entretanto, Dejanira e Medeia age de maneira distinta embora, esta arquiteta um plano para destruir a linhagem de Jasão e aquela é responsável pelo embuste que mata Herácles a partir de uma armadilha deixa pelo centauro Nesso. Assim, utilizamos a partir da análise de conteúdo categorias discursivas no interior do texto para demonstrar as aproximações e distanciamentos dessas personagens e o discurso feminino.

Jussemar Weiss Gonçalves (UFRGS-FURG), *As fontes Populares do Teatro Ateniense*

Resumo: Trata-se de continuar os estudos voltados a pesquisa da relação entre Teatro e Cidade. Em nossa pesquisa cidade é entendida como uma forma de convívio, isto é, uma forma de agenciar a partir de estruturas institucionais avisa de todos. Nesse sentido a criação Ateniense do teatro nos revela que esse convívio se estabelece mediante a criação de uma relação intrínseca com o processo de revolta popular em Atenas durante os séculos VI e V .

Maria Ester Cacchi (UNESP), *Alceste e Medéia: alteridade e poder na Atenas do século V a.C.*

Resumo: A presente proposta de comunicação pretende abordar de que maneira as tragédias Alceste e Medéia, anteriores ao início da Guerra do Peloponeso (431-404 a.C) revelam elementos das tensões de gênero durante o período do apogeu ateniense. Para isso, além de uma detalhada análise dos elementos linguísticos presentes nas duas peças (que revelam o status quinze cada personagem), este trabalho também fundamenta-se na historiografia sobre o período, a fim de suscitar questionamentos sobre a real condição feminina do período e as possíveis reações à opressão que as mulheres poderiam exercer.

Matheus Barros da Silva (UFRGS), *Tragédia grega: de máquina de pensar a política a aparelho ideológico da pólis*

Resumo: A presente comunicação visa elaborar uma análise sobre a tragédia grega que a considere um mecanismo que pensa, problematiza e ressignifica a prática isonômica que emerge na Atenas clássica. Aliado a essa premissa, considera-se que tragédia enquanto instituição social e cultural orgânica da pólis ateniense pode ser pensada como um aparelho ideológico - termo tomado de empréstimo de Louis Althusser -, ou seja, a tragédia pensada em sua inserção nas festividades cívico-litúrgica políades dedicadas ao deus Dioniso faz irradiar visões de mundo que servem a um só tempo, como problematização e manutenção dos ideais da cidade isonômica. Com efeito, nossa comunicação se deterá na organização cidadina dos espetáculos trágicos, bem como almeja abordar determinados dramas trágicos - de Ésquilo, Sófocles e Eurípides - que permitam explicitar com maior clareza, no reduzido tempo de uma comunicação, a tese de que a tragédia atua como veículo de afirmação de uma ideologia democrática.

Mesa 2 (30/11, 14h-17h): Tragédia e Teoria da Recepção

Anderson Zalewski Vargas (UFRGS), *A recepção da Antiguidade como alternativa em tempos de descolonização*

Resumo: Será adequado pensar historicamente e produzir conhecimento sobre a apropriação das Antiguidade greco-romana em uma América Latina em que cada vez mais se propugna a “descolonização epistêmica” e a conseqüente valorização das histórias até agora negligenciadas de negros e indígenas? A comunicação tratará deste tema considerando especialmente a

proposição de Teoria da Recepção de Charles Martindale, recorrendo em menor grau a outras proposições de estudo das apropriações e usos do passado antigo.

Fernando Rodrigues Junior (USP), Aspectos da tragédia grega no período helenístico

Resumo: Essa comunicação tem por objetivo fazer uma breve apresentação da poesia trágica durante o período helenístico a partir de fragmentos e testemunhos preservados, argumentando ser equivocada a ideia de decadência atribuída à tragédia a partir do século IV a.C. O estudo do corpus lacunar e da fortuna crítica dos poetas desse período possibilita uma percepção – ainda que pouco nítida – das transformações pelas quais a tragédia passou. Pretende-se, portanto, discutir as diferenças da tragédia helenística em relação a seu modelo clássico, bem como a reputação de alguns tragediógrafos do período.

Marina Pereira Outeiro (UERJ), “*Andrômeda de Méroe*”: *A conectividade sociocultural entre a Grécia e Cuxe (442-412 a.C.)*

Resumo: A partir do mito de Andrômeda, nossa pesquisa almeja promover o estudo da mulher meroíta, enfatizando a condição de Méroe como capital do Reino de Cuxe e analisando particularmente as funções sociais atribuídas a suas mulheres bem-nascidas, de modo a aventar aproximações com suas equivalentes da Atenas Clássica.

Rodrigo de Miranda (UFRGS), *Notas sobre a mutabilidade do êthos de Creonte na Antígona, de Sófocles*

Resumo: A presente comunicação apresenta e discute alguns elementos que compõem a imagem de si de Creonte, na disputa argumentativa com Hêmon, no terceiro episódio da tragédia Antígona (442/0 a.C.), de Sófocles (496 – 406/5 a.C.). A hipótese levantada é a da mutabilidade de imagem de si projetada pelo agente ao longo do desenvolvimento da trama. Para tanto, é analisada as rhêsis do agente. Pelo caráter judiciário da contenda, optou-se pela utilizar como elemento norteador o conceito de êthos a partir da Retórica, de Aristóteles, marcando uma aproximação entre tragédia e retórica a partir da linguagem. Conclui-se que a personagem passa por um processo de transformação de seu êthos: Creonte passa a apresentar uma imagem que se caracteriza pela deficiência de temperança em detrimento da imagem de orador e estadista experiente no uso da palavra.

Mesa 3 (01/12, 14h-17h): A condição humana na tragédia

Elisana De Carli (UFSC), *A (i)materialidade da morte em Os Persas*

Resumo: Os persas, de Ésquilo, cujo enredo apresenta a manifestação do rei morto, é identificada como a peça mais antiga disponível na íntegra, encenada em 472 a.C. Partindo do referencial de Ariès (2012), Elias (2001), Vernant (2001), centra-se essa abordagem na concepção de morte, na relação entre vivos e mortos, e na proposição da (i)materialidade do corpo como forma de representação do morto, considerando a perspectiva histórica e estética na elaboração do texto dramático e na encenação do espetáculo teatral.

Andrea Nárriman Cezne (UFSM), *Análise da Compreensão da Morte na Tragédia Antígona*

Resumo: O presente trabalho propõe a utilização de uma análise transversal da tragédia Antígona, especificamente focando nas representações da morte dos jovens ocorrem no decorrer do texto. A tragédia constitui-se em objeto de pesquisa relevante para compreensão das contradições internas e das tensões que envolvem a pólis grega no período clássico. Ao mesmo tempo em que traz informações relevantes sobre as dinâmicas sociais e religiosas, a tragédia também necessita de aportes específicos para ser compreendida no seu contexto cultural, religioso e histórico. Desta forma, busca-se analisar os elementos de representação sobre a morte, especialmente a morte dos jovens e das mulheres, presentes na tragédia. Também é necessário que se possa compreender esses conceitos a partir da religião grega, os rituais de preparação post mortem, e as concepções sobre a vida após a morte que são utilizadas na peça. Em especial, o enfoque que se busca é sobre a personagem de Antígona dentro da dinâmica da tragédia, que age motivada pelo desejo de fornecer os rituais fúnebres ao irmão, e o posterior suicídio da personagem. Propõe-se que a jovem Antígona coloca-se voluntariamente em uma condição onde sabe que corre risco de vida, mas voluntariamente age de acordo com sua consciência, buscando fornecer os rituais fúnebres ao irmão. Através dessa análise, busca-se trazer as concepções sobre a morte, os rituais fúnebres e as consequências para o morto no além túmulo, caso não fossem realizados esses rituais.

Thirzá Amaral Berquó (Bar-Ilan University, Israel), *A velhice na tragédia grega*

Resumo: O presente trabalho aborda a questão da velhice na Grécia antiga, vista a partir do teatro. Para tanto, são examinadas as tragédias Édipo em Colono, Hécuba e Alceste.

Amanda Martins Rodrigues (UNESP-Araraquara), *OH! IDE, BACANTES!/: a participação feminina em rituais dionisíacos*

Resumo: A história feminina na antiguidade grega, marcada pelo isolamento das mulheres em aposentos domésticos e por sua exclusão de ambientes políticos e sociais, pode ser traçada a partir da participação feminina em práticas religiosas que integravam grande parte dos costumes e do funcionamento da cidade. O objetivo deste estudo, portanto, partindo da participação das mulheres no culto ao deus Dioniso, é investigar em que medida os rituais dionisíacos de possessão são capazes de oferecer autoridade às participantes, subvertendo, ou não, seu posicionamento social. Para isso, pretende-se examinar práticas associadas aos ritos, verificando sua veracidade histórica e discutindo a confiabilidade da peça *As Bacantes*, de Eurípides, para retratar autenticamente a imagem do ritual no texto poético.

Michelle Bianca Dantas (UFPB), *A pólis sagrada das mulheres: memória e ressignificação no mito de Helena (Eurípides)*

Resumo: Em nossos estudos, observamos algumas limitações repetidas em alguns manuais de História Antiga sobre o papel da mulher grega, principalmente na pólis. Assim, a visão geral de submissão feminina, restrita ao gineceu, pode ser avessamente representada por um protagonismo no campo religioso, enquanto sacerdotisa e líder de ritos fúnebres. A partir do mito registrado por Eurípides, em *Helena*, conseguimos observar a destreza inteligível, a agilidade discursiva e empenho religioso feminino e que muito nos propicia ricas discursões e análises. Nesse processo de desconstrução e ressignificação, corroboram trabalhos como os de Marta Mega Andrade (2001), em *O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica e A Vida Comum: espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica*, e de Fábio Morales (2014), em *A democracia ateniense pelo avesso*, entre outros.

Resumo do ST: o presente simpósio temático visa propiciar a construção de um espaço receptivo à pesquisa brasileira em História Antiga que tenha por objeto as relações entre pólis e teatro (tragédia e comédia). Nossa proposta está apoiada em um diálogo historiográfico com autores como, Jean-Pierre Vernant, Pierre Vidal-Naquet, Marcel Detienne, Christian Meier, Simon Goldhill, Noémie Villacèque, Charles Segal, Diego Lanza, Jaqueline de Romilly e Nicole Loraux. Por óbvio, cada autor, autora e correntes interpretativas possuem suas particularidades, no entanto, cremos que nesse caso há algo que os une: a compreensão de que há uma sensível, e mesmo orgânica relação entre pólis e teatro. Quer dizer, o teatro, a tragédia e comédia são produtos da dinâmica poliáde, nascem e se convertem em instituições sociais da cidade clássica – Atenas. Os cidadãos estão presentes no teatro de Dioniso precisamente em sua própria condição de cidadãos. Assim, devem ser pensados como espectadores-cidadãos. Sendo parte constitutiva das festas cívico-litúrgicas em honra ao deus Dioniso, o teatro ateniense, que chegou a nós através das obras de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes – para citar apenas aqueles nomes considerados supérstites – apresenta uma intensa problematização das estruturas da cidade, em

diversos âmbitos, existindo um forte laço entre o teatro e prática democrática. O teatro permite adentrarmos o universo cultural, mental, ideológico e político de seu respectivo contexto de produção. É preciso salientar que é a condição de ser teatro, isto é, uma forma específica de organização do trabalho intelectual, que permite a existência de um vínculo inquestionável entre tragédia, comédia e cidade. É o teatro, como dramatização do social que torna o drama trágico e cômico elementos centrais na construção de uma ideologia cidadã (πολίτης / polítês). A tragédia, é uma obra dramática, articulada à encenação, à recriação da ação. Nas obras de tragediógrafos e comediógrafos as reflexões sobre questões como poder, autoridade, guerra, gênero, relações ente humanos e deuses, por exemplo, se corporificam nas falas, vozes de personagens que a partir da autoria poética recriam, teatralmente, a cidade e seus problemas. Assim, tendo em mente o que foi exposto, pensamos que o teatro está na pólis e a pólis está no teatro. Desta forma, abre-se esse simpósio temático a pesquisadores e pesquisadoras que desenvolvam estudos sobre o teatro grego antigo e suas relações políticas, sociais e culturais com a pólis.

Bibliografia

- DETIENNE, Marcel. Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- GOLDHILL, Simon. Reading Greek Tragedy. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- LANZA, Diego. Le Tyran e son Publique. Paris: Belin, 1997.
- LORAUX, Nicole. Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- MEIER, Christian. De la Tragédie Grecque comme Arte Politique. Paris: Les Belles Lettres, 1991.
- SEGAL, Charles. Tragedy and Civilization. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- VILLACÈQUE, Noémie. Spectateurs de paroles Délibération démocratique et théâtre à Athènes à l'époque classique. Rennes: PUR, 2013.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. Mito e Tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva. 2013.

ST3. História Antiga Escolar, cultura histórica e memória social: objetos de pesquisa e práticas de ensino

Organizadores: Luís Ernesto Barnabé (UENP) e Uiran Gebara da Silva (UFRPE)

Local: LAPIS (Bloco E, sétimo andar)

Mesa 1 (29/11, 14h-17h)

Abner Alexandre Nogueira (Unesp), *Fúria de Titãs (1989 e 2010) e o ensino de História Antiga: possibilidades de abordar a mitologia grega no ensino*

Resumo: Apesar dos filmes serem utilizados em sala de aula de longa data, ainda existem diversos problemas ao relacionar Cinema e História na sala de aula, tornando-se apenas uma aula ‘vaga’ ou exemplificação através de imagens (ABUD, 2003). Dessa forma, a fim de desenvolver uma consciência histórica (RÜSEN, 2010) os filmes precisam ser abordados enquanto fontes históricas e objetos de pesquisa e problematização. A presente comunicação busca trazer alguns elementos da imagem-movimento (DELEUZE, 1985; METZ, 1972) no interior do campo cinematográfico (NAPOLITANO, 2008) e na discussão da narrativa histórica ou historiográfica filme a partir de Rosenstone (2010) e Davis (2000). Por fim, alguns exemplos possíveis, a partir de *Fúria de Titãs* (2010) com a narrativa da Medusa na perspectiva da mulher mitológica nos estudos de gênero por Beard (2017) e Haynes (2020).

Mayra dos Santos Gomes (UNIFESP), *Imersão ao Antigo: o uso de Escape Room para o ensino de História Antiga*

Resumo: Atualmente novos desafios surgem quando nos referimos ao ensino da educação básica, eles se expandem ainda mais quando nos referimos aos alunos do ensino fundamental I, a atenção dos alunos deve ser competida com as inúmeras tecnologias as quais eles se relacionam. Com o intuito de tornar a aula menos teórica, sem perder a qualidade do ensino, surgem novas práticas escolares que tornam as aulas mais dinâmicas. Algumas metodologias são inspiradas no conceito de gamificação (gamification, no inglês), que visa aplicar elementos de jogos em um contexto de sala de aula, Para Zichermann & Cunningham (2011), esse modo de ensino torna as tarefas mais agradáveis e motivadoras. Com isso em mente, a presente apresentação é fruto de uma atividade que apliquei aos meus alunos do sexto ano: Escape Room sobre o Antigo Egito. A atividade em questão, tinha por objetivo, o uso do conhecimento adquirido em sala de aula para escapar de uma sala com enigmas. O objetivo de meu trabalho

é justamente apresentar o modo no qual a atividade foi planejada e aplicada, assim como os resultados esperados e alcançados em relação ao conhecimento dos meus alunos.

Renata Dariva Costa (UFSC), *A História Antiga e Medieval no tabuleiro: práticas lúdicas de ensino através do jogo de xadrez*

Resumo: O presente trabalho trata fundamentalmente do papel desempenhado pelo conhecimento das práticas lúdicas e pela pesquisa em sala de aula, assinalando em especial o uso pedagógico do jogo de xadrez no ensino básico de História. A História vista através do jogo de xadrez revela um novo campo de compreensão dos processos educativos baseados no lúdico e nos fenômenos de interculturalidade, constituindo-se assim em rica estratégia metodológica para o ensino de História Antiga e Medieval. O projeto foi parte integrante do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de História da PUCRS e continuado na atuação básica com turmas de sexto ano nos estados do RS e de SC. O jogo de xadrez tem sua origem ligada a uma matriz de lógica para o planejamento dos campos de batalha de guerra. Até a sua utilização como um jogo de divertimento ligado as esferas da ampliação gestual e intelectual, o xadrez perpassa por diversas localidades, construindo assim sua própria historicidade. Através do jogo, podemos verificar os contatos interculturais de vários povos para estudantes da educação básica, desvinculando as “caixinhas” de “começo e de fim” de cada povo da antiguidade e trazendo a “história antiga” de uma forma mais próxima e lúdica para os jovens estudantes.

Andrea Lucia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP), *A pesquisa e o Ensino de História Antiga e as Humanidades Digitais*

Resumo: O objetivo desta comunicação é abordar as teorias sobre as Humanidades Digitais e a pesquisa e o ensino de História Antiga. O NEAM e o CPEP, grupos de pesquisas vinculados ao #Veredas_Digitais - Centro de Tecnologias e Humanidades do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp, vêm desenvolvendo pesquisas relacionadas às tecnologias ao criar portais interativos que possibilitam interatividade e reuso e resignificação nos processos de construção dos conhecimentos históricos. Os fundamentos teóricos dialogam diretamente com Jorn Ruben, com os princípios da História Pública e História Digital. Além destes caminhos de pesquisa, também serão abordadas experiências de construção do conhecimento histórico nos ambientes escolares.

Mesa 2 (30/11, 14h-17h)

Gizeli da Conceição Lima (UFPI), *História Antiga Escolar: reflexões sobre a democracia ateniense nos compêndios de história universal brasileiros*

Resumo: Esse trabalho faz parte da pesquisa desenvolvida no decorrer do mestrado em História. Em nossa narrativa pretendemos, em sentido geral, averiguar as apropriações da antiguidade por pensadores contemporâneos trabalhando no âmbito dos usos do passado como aporte teórico para pensar o presente. Em nossa investigação, buscaremos entender porque a Grécia Antiga instiga os pensadores oitocentistas a fazerem uma releitura dos grandes clássicos com a intenção de adequá-los aos interesses do projeto de nação que estava sendo planejado para o Brasil no período Imperial brasileiro. Sendo assim, a pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundarmos a discussão sobre os usos do passado clássico pela historiografia contemporânea. A partir dessa perspectiva, faz-se necessário, ao longo de nossas reflexões, pontuar a relevância de nossa pesquisa no que diz respeito à construção de um olhar sobre a concepção de democracia entre os atenienses, que permita indagar o cenário político na qual estavam inseridos os autores dos compêndios de História Universal que estão sendo trabalhados no desenvolvimento da nossa narrativa. As fontes a serem analisadas em nosso trabalho são os compêndios de História Universal escritos por Justiniano Jose da Rocha (1860), Pedro Parley (1869) e Victor Duruy (1865). No que se refere aos resultados conclusivos convém pontuar que a pesquisa e a escrita da dissertação estão em fase de desenvolvimento. Nesse sentido, o que será apresentado consta do resultado das quatro primeiras seções escritas para etapa.

Uíran Gebara da Silva (UFRPE), *O Rural no Ensino de História Antiga: Currículo e Histórias Globais*

Resumo: O propósito deste trabalho é tratar da presença da problemática ligada aos sujeitos e aos processos sociais localizados em espacialidades rurais e definidos por atividades agrárias no Ensino de História, demonstrando como e por que a Antiguidade oferece uma posição privilegiada para refletir sobre esta questão. Ao analisar os conceitos de rural e agrário no currículo de História, esta apresentação se foca nas suas manifestações associadas aos conteúdos de Antiguidade e, em menor medida, aos de Idade Média. Pretendo abordar o problema da relação entre o rural e o ensino de História a partir de duas questões. A primeira indaga sobre o lugar do rural no currículo de História e, para isso, pretendo observar como os PCNs e a BNCC apresentam este conceito. A segunda questão deriva da hipótese de que o conceito de “rural” ser uma categoria que articula experiências locais e globais de “ruralidade”, o que tem muitas implicações para os conteúdos ligados à Antiguidade. Na parte final da apresentação isso remete aos impactos da Nova História Global sobre o estudo de Sociedades da Antiguidade e em que medida isso abre opções para o ensino de História e História Antiga.

Luís Ernesto Barnabé (UENP), *A escrita da História Antiga escolar no Brasil em finais do século XIX: análise dos compêndios de Charles Seignobos, João Maria da Gama Berquó e João Ribeiro*

Resumo: Nas últimas décadas do século XIX, sob o auspício positivista e republicano, os compêndios escolares que abordam a História Antiga apresentam significativas transformações em sua escrita que diferem em muito dos compêndios produzidos nas décadas anteriores: a narrativa da História Sagrada dá lugar ao discurso de progresso e civilização; capítulos, ou tópicos na introdução, promovem uma definição científica para História, incluem o relato da Pré-História, das raças humanas e das organizações sociais. A presente comunicação objetiva traçar uma análise comparativa entre os compêndios de Charles Seignobos, João Maria da Gama Berquó e João Ribeiro, e a partir de então situar este momento da escrita da História Antiga escolar em perspectiva diacrônica com as práticas de escrita anteriores e subsequentes.

Fábio de Sousa Dantas (UEPB), *Leitura de um Macunaíma indexado: sombras de uma história antiga e o estado autoritário brasileiro*

Resumo: A tentativa de uma leitura de Macunaíma (1928), de Mário de Andrade, desprovida de diálogos com a história de um Brasil de século XX, quando neste se alenta a civilização, nos parece um esforço interpretativo (quase) vão. Como (anti)herói de um modernismo debochado, o personagem, do mesmo jeito que parece desconhecer os limites geográficos e temporais na rapsódia, parece-nos suportar bem as intempéries da contemporaneidade, ainda, diríamos, até com certo vigor conceitual. Se, naqueles anos de inauguração da literatura brasileira modernista, a inteligência perturbadora do herói sem nenhum caráter ameaça o deus-máquina do mundo civilizado do trabalho e do progresso, o que dizer da adaptação fílmica dos anos 1960, de Joaquim Pedro de Andrade, que tão bem (re)coloca a ameaça Macunaíma perdido em meio a “modernização” conservadora do regime militar? Não obstante a isso, um terceiro Macunaíma nos surge agora, em pleno século XXI, chocando os censores de uma reedição ultraconservadora, que teme a leitura de Mário de Andrade entre os jovens leitores, aspirantes a “cidadãos de bem”. Prestar alguns esclarecimentos sobre estas pontes críticas conduz-nos a ensaiar sobre este personagem, que ainda nos faz representar alguns incômodos estéticos, refratados de um Brasil nacionalista e alienante. Assim sendo, neste trabalho, evocaremos alguns diálogos teóricos e históricos importantes para a compreensão crítica do personagem de Mário de Andrade, que vão desde as mimesis apreendidas na Antiguidade da República de Platão; do Index Librorum Prohibitorum medieval; até a representação ditatorial no Brasil, que refrata Macunaíma como um incômodo no Estado Novo, no Regime Militar e nos atos de uma política extremista na contemporaneidade.

Adailton Pires Costa (UDESC); Maicon de Farias Valsechi (UDESC), *Para além do “Código de Hammurabi”: o direito mesopotâmico pré-hammurabiano nas “Leis de Eshnunna”*

Resumo: A História Antiga, especialmente aquela sobre a região da Mesopotâmia, tem sido utilizada ao longo do século XX (e segue no séc. XXI) como fundamento de legitimação da cultura jurídico-política centralizadora e monista da modernidade capitalista. O processo de ocidentalização da história dos tempos “antigos” do Oriente Próximo, que a coloca nos primórdios de uma linha evolutiva eurocêntrica, promove a retomada de elementos da cultura material daquela região como anteparo para a naturalização de características da organização sociopolítica dos tempos modernos. Esses usos do passado da Antiga Mesopotâmica alcançaram seu auge a partir da descoberta em 1902 de uma estela de diorito negro com inscrições de “leis” em escrita cuneiforme e em língua acadiana na antiga capital elamita Susa (região próxima da atual cidade Shush, no Irã), pelo arqueólogo francês J. de Morgan. Essa estela descoberta tornou-se o que se convencionou chamar de “Código de Hammurabi”, produzido provavelmente entre 1792 e 1750 a.C. Nesse momento, o mito moderno sobre as origens do direito começava a ser criado, vindo ao encontro do processo de unificação e centralização dos Estados modernos. Segundo Marc Bloch (2001, p. 56-57), a “obsessão das origens” é um perigoso ídolo da tribo dos historiadores, que deve ser evitado na pesquisa histórica. Contudo, esse mito não só não foi evitado, mas extremamente estimulado. A exposição dessa estela no famoso museu do Louvre na França só contribuiu para aumentar a aura evolucionista e de ocidentalização em torno desse objeto da cultura material da Antiguidade Mesopotâmica. Contudo, apesar da força desse mito de origem de normas de um período de centralização política imperial, é possível destacar, além das antecessoras “Leis de Ur-Nammu” (2111-2095 a.C), pelo menos duas outras coleções de normas que surgem em períodos de descentralização do poder antes do período paleobabilônico (1750-1595). As “Leis de Lipit-Ishtar” (1934-1924 a.C) e as “Leis de Eshnunna” (1925-1787 a.C) revelam a existência de uma pluralidade jurídico-política da região para muito além do “Código de Hammurabi”. Portanto, antes do período paleobabilônico em que vivia Hammurabi (1750-1595), já existia na antiga Mesopotâmia um complexo de normas cuneiformes do período intermediário de Isin e Larsa (2004-1750) que complexificam e aprofundam nosso entendimento da pluralidade do direito consuetudinário mesopotâmico. Embora a história da Antiga Mesopotâmia costume ser estudada a partir de grandes Impérios, como o próprio Império Babilônico de Hammurabi, é um erro considerar que nessa época da Antiga Mesopotâmia as fases de unificação imperial eram a normalidade em relação aos períodos de fragmentação política (LIVERANI, 2016, p. 233). Entre a desintegração da unidade política do Império da terceira dinastia de Ur e o início do Império de Hammurabi, por exemplo, coexistiam diversos centros políticos autônomos, como os reinos de Isin e Eshnunna (LIVERANI, 2016, p. 271-272). É nesse período de fragmentação política que irão surgir as “Leis de Lipit-Ishtar” (1934-1924) da cidade-Estado de Isin e as “Leis de Eshnunna” (1925-1787 a.C) da cidade-Estado de mesmo nome. O estudo realizado acerca de um desses conjuntos normativos pré-hammurabianos - as chamadas “Leis de Eshnunna” (1825-1787 a.C) -, revela um complexo normativo muito mais próximo do

“estado real concreto da praxe judiciária corrente” da Antiga Mesopotâmia (Bouzon, 2002, p. 22) do que o próprio “Código de Hammurabi”. Apesar de terem sido descobertas no longínquo ano de 1945-47 em Tell Harmal (sul de Bagdá), local da antiga cidade de Suduppum, então pertencente ao Reino de Eshnunna, as duas tábuas de argila em escrita cuneiforme e idioma acádico que compõem as “Leis de Eshnunna” não conseguiram romper com o mito do “Código de Hammurabi”, que permanece ainda hoje como símbolo da origem do Direito. O conjunto normativo de Eshnunna, do mesmo modo que o Código de Hammurabi, nos informa que esse era um reino escravocrata, de fomento e proteção patrimonialista e com uma organização social paternalista. Outra semelhança com o Código de Hammurabi é o fato de terem sido escritas em língua acadiana e aplicadas sobre uma estrutura social tripartite [awllum (livre), muskênum (grupo intermediário) e wardum (escravo)] (BOUZON, 1993, p. 26). De outro lado, segundo Bouzon (1993, pp. 26, 33; 38), as normas de Eshnunna estão mais próximas do Estado real da práxis jurídica corrente do que o “Código de Hammurabi”. Enquanto as normas de Eshnunna indicam um caráter prescritivo com objetivo de orientação decisória para os casos a serem solucionados pelos “juízes”, decorrentes do registro de precedentes; as normas de Hammurabi expressavam inscrições reais de caráter celebrativo da justiça do soberano, com objetivo de informar os súditos por meio de uma propaganda política do governo de Hammurabi. Portanto, é possível verificar pelo conteúdo das “Leis de Eshnunna” que o mito do “Código de Hammurabi” não retrata o início do direito na história da humanidade nem é a mais autêntica expressão das normas produzidas na Antiga Mesopotâmia. A onipresença do “Código de Hammurabi” em verso e prosa a partir do séc. XX representa muito mais um uso político do passado da Antiga Mesopotâmia por meio da criação de uma utopia de origem da produção normativa de um poder centralizado imperial. Em contraponto, as normas jurídicas de um pequeno reino periférico como Eshnunna, num período de transição política na Antiga Mesopotâmia, demonstram que há uma complexidade muito maior no direito mesopotâmico pré-hammurabiano, sendo o “Código de Hammurabi” apenas uma ponta do iceberg de um contexto de pluralidade jurídico-política muito mais profundo e extenso do que o nosso limitado imaginário orientalista.

Resumo do ST: A temática da história antiga escolar passou a ser de interesse de pesquisadores brasileiros nas duas últimas décadas, seja pelo amadurecimento do próprio campo, como também a partir de debates suscitados no momento de reformas curriculares, quando inclusive emergiram questionamentos da sua própria pertinência no âmbito do currículo da educação básica. A formulação teórico-metodológica de tal objeto tende à ampliação quando se reconhecem as possibilidades da abordagem francesa da história das disciplinas escolares (CHERVEL, 1990; BRUTER, 1997) ou da didática da História empreendida na Alemanha (RÜSEN, 2007), cujo objeto, o saber histórico desempenhando funções na vida cultural do tempo presente, por sua vez, dialoga com estudos de recepção e história pública. A composição multifacetada – História Antiga Escolar, cultura histórica e memória social – do presente simpósio temático configura-se, portanto, como um espaço para a partilha das investigações

que tem por objeto a História Antiga articulada ao amplo escopo em torno da cultura escolar, da história das disciplinas escolares, do desenvolvimento de ações que promovam na educação básica novos temas e problemas da História Antiga: identidades, tolerância religiosa, sexualidade, trabalho e riqueza, poder e política, cultura e diversidade, e igualmente da articulação entre os saberes escolares com outros vetores, tais como a indústria cultural, na constituição de cultura(s) história(s) e memória(s) social(is).

Bibliografia

- BITTENCOURT, Circe. Livro didático e saber escolar (1810-1910). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BRUTER, Annie. L'Histoire Enseignée au Grand Siècle – Naissance d'une pédagogie. Paris: Benin, 1997.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229, 1990.
- FURET, François. O nascimento da História. In: FURET, François Oficina da História. Lisboa: Gradiva, 1986. p. 109-207.
- RÜSEN, J. História Viva. Teoria da História da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007.
- VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl. Michael. (Org.). Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951. Curitiba, Brasil: Autores, 1998.

ST4. História Antiga Global: desafios e perspectivas

Organizadores: Dominique Santos (FURB), Fábio Frizzo (UFTM) Fábio Augusto Morales (UFSC), José Ernesto Moura Knust (IFF) e Victor Passuello (UEG)

Local: Auditório do Bloco F (sétimo andar)

Mesa 1 (29/11, 14h-17h) – Teoria e historiografia da História Antiga Global

Fábio Frizzo (UFTM), *A Egiptologia Luso-Brasileira em Contexto Global*.

Resumo: Esta comunicação é fruto de um projeto mais amplo, coordenado por egiptólogos e egiptólogas brasileiras e portuguesas, voltado para estabelecer um panorama da produção da área em língua portuguesa. No caso específico deste trabalho, a intenção é fazer uma breve análise das pesquisas luso-brasileiras sobre o Egito Antigo no contexto global da produção de conhecimento, identificando suas especificidades através de uma comparação entre as tradições disciplinares portuguesa e brasileira, especialmente no decorrer dos séculos XX e XXI.

Luis Gustavo Marques Gonçalves (FURB), *Escrever a história da China Antiga em tempos de História Global: Gu Jiegang e a “Doubting Antiquity School” [Yugupai 疑古派]*.

Resumo: No início do século XX, ocorria um fenômeno na China, buscava-se cada vez mais uma articulação com o restante do mundo. Considerando esse contexto, ampliou-se o contato da academia chinesa com novas formas de se pensar história vindas do chamado Ocidente, sobretudo da Europa. Em meados de 1923, dois jovens historiadores chineses, Gu Jiegang e Qian Xuatong, iniciavam um novo debate acerca da história chinesa, que atingiu o meio acadêmico do país asiático com muita força e acabou levantando a questão de como se devia escrever e pesquisar a história antiga chinesa. Um dos produtos desses debates levantados por Jiegang e Xuantong foi a “Doubting Antiquity School” [Yigupai 疑古派]. Levando em conta as problemáticas que surgiram a partir de tais entrelaçamentos, e partindo dos debates concernentes à História Global, a comunicação pretende debater algumas das questões suscitadas pela “Doubting Antiquity School”, buscando também evidenciar o grande impacto gerado por essas discussões na historiografia chinesa em geral, problematizando assim o significado e a importância da figura de Gu Jiegang e sua trajetória nesse campo da academia chinesa do século XX.

Alex Degan (UFSC), *A Ásia Oriental como “forma” para reflexões sobre a História Geral*.

Resumo: Em artigo publicado em 2003, Norberto Luiz Guarinello observou que os historiadores refletem sobre o passado trabalhando com “formas”, ou seja, instrumentos que auxiliam na constituição de grandes unidades, como os contextos, que “tentam dar sentido ao passado, criando uma sensação de realidade e de completude” (2003: 42). Esta comunicação parte deste debate para propor a Ásia Oriental como uma forma capaz de problematizar os campos disciplinares, as periodizações e as organizações curriculares constituintes da tradicional divisão quadripartite da História Geral.

Dyel Gedhay da Silva (UFSC), *Uma experiência ecumênica na Antiguidade: o sentido empírico da ‘história universal’ através da polêmica em Políbio*.

Resumo: Políbio de Megalópolis (c. 208 – c. 126 A.E.C.) tem sido lembrado como um dos primeiros historiadores a se preocupar com a macroanálise característica das histórias universais, pelas quais ficou mais conhecido, mas também pelas histórias mundiais e globais. Pois, nas suas Histórias, ele propõe uma visão sinóptica das múltiplas histórias que se entrelaçaram no decorrer dos séculos III e II, sobretudo pelas guerras entre romanos e cartagineses, as quais mobilizaram muitos povos e acabaram por constituir Roma enquanto nova hegemonia mediterrânica. Nem sempre, contudo, a dimensão êmica dos seus princípios historiográficos e conceituais são estudados desde a História Antiga ou desde os Estudos Clássicos com vista a apreender sua historicidade em tal escala. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é compreender, em perspectiva global e a partir da História Antiga, o sentido empírico do projeto historiográfico dito ‘universal’ de Políbio. Para tanto, nos apropriamos da História dos Conceitos [Begriffsgeschichte] ao analisarmos o conceito de empeiría em passagens nas quais ele é propositalmente relacionado às experiências espaciais de momentos constituidores de um todo histórico maior em polêmica contra as histórias dedicadas exclusivamente às partes. Por fim, argumentamos que, em Políbio, a semântica de empeiría dá sentido à uma experiência ecumênica formada e, ao mesmo tempo, formadora do historiador e demais atores pela história: formada, porque condiciona os eventos históricos; e formadora, porque edifica os atores históricos que a transformam em conhecimento (empírico-ecumênico). Argumentamos, igualmente, que o conceito é usado como fonte de autoridade pelo autor, uma vez que ele reivindica para si a consciência metódica de tal experiência ecumênica, isto é, o uso desta empeiría destinado à elaboração do conhecimento histórico.

Cristiano Constante (UFSC), *História Antiga Global: uma abordagem interdisciplinar do evento paleoclimático 4200 AP*.

Resumo: O evento paleoclimático 4200 ap foi um processo de aridez e desertificação em larga escala da passagem do Holoceno médio ao Holoceno tardio, cerca de 2600 a 2000 A.E.C, que

estendeu-se por diversas regiões do globo terrestre. Alguns autores argumentam que este evento contribuiu com mudanças de longo prazo na Antiga Mesopotâmia ocasionando o fim do “império” acadiano, enquanto outros contestam essa hipótese. Os dados arqueológicos e estratigráficos de solo parecem indicar que a aridificação colaborou com o abandono e a redução de povoações do norte mesopotâmico, tais como Tell Leilan, Tell Brak, e Mohammed Diyab, nas planícies de Habur, e com o enfraquecimento da economia acadiana que dependia, em parte, de uma agricultura imperializada, através das terras alimentadas pela chuva adjacentes à Mesopotâmia do sul. Tais processos, natural e humano conforme argumenta-se ao longo deste trabalho, requer uma abordagem global do período delimitado, 2350 a 2030 A.E.C, sob uma perspectiva de longa duração, de modo que seja possível problematizar o pressuposto da contribuição de tal processo na dissolução do poderoso reino acadiano. O objetivo, deste trabalho, é explorar algumas contribuições interdisciplinares das ciências naturais para o problema da dissolução de Acade, tema da dissertação de Mestrado em História pelo PPGH/UFSC. A questão central desta comunicação, pensada a partir da existência desse debate, indaga acerca dos possíveis impactos do evento 4200 ap na estrutura econômica e social do reino acadiano, especialmente no que diz respeito às migrações do norte para o sul mesopotâmico. Para essa tarefa, dialoga-se teoricamente com a História econômica, a Paleoclimatologia, a Geologia estatigráfica, a Arqueologia histórica e a História global. Duas hipóteses são discutidas neste trabalho: a primeira nos diz que o evento 4200 ap foi significativo para a dissolução de Acade; a segunda, nos diz que a ocorrência de tal processo não teve contribuição significativa para a dissolução de Acade, de modo que outros fatores condicionais mais relevantes devem ser considerados em pesquisas futuras.

Gabriel Ferreira Albino (UFSC), *Cidade, espaços e conceitos geoteológicos na obra de Eusébio de Cesaréia*.

Resumo: Esta apresentação visa a análise e a discussão conceitos geoteológicos identificados na obra de Eusébio de Cesaréia (ca. 265 d. C. - 339 d. C.). Primeiro, evidencia-se como seu texto está conectado aos pilares urbanos e às paisagens da Palestina, da Síria e da diocese do Oriente, em dois casos exemplares, Caesarea Maritima e Tiro. Acompanha um panorama da historiografia de Eusébio e as discussões sobre redes intelectuais, comunidades em integração urbana, política imperial e eclesiástica que atravessam a paisagem e o texto. Com esta abordagem exploratória, propõe-se a hipótese de que em Eusébio de Cesaréia encontra-se a formação de um pensamento cristão em torno dos espaços simbólicos e das configurações urbanas. Nas fontes, aponta-se a construção de uma mentalité cristã das poleis traduzidas em conceitos geoteológicos que, junto com a historiografia eusebiana, certamente exerceu sua influência no decorrer dos séculos.

Mesa 2 (30/11, 14h-17h): Império, poder e cultura

Fábio Amorim Vieira (UDESC), *A presença de bovinos com chifres deformados em cenas de tributação núbia ao Egito: avaliando a “egipcianização” da Núbia e as tradições kushitas no II milênio a.C.*

Resumo: Presente na notória literatura egiptológica enquanto rival político do Egito faraônico no nordeste africano, Kush sinaliza-se na ampla paisagem arqueológica sudanesa a partir de sua expressiva materialidade enquanto Estado pastoril em expansão tendo suas bases em Kerma, capital do Estado kushita desde o III milênio a.C e dominada pelas forças egípcias no período conhecido como Reino Novo (1550-1050 a.C). Costumeiramente caracterizada pela historiografia a partir da imposição política e introjeção cultural do Egito sobre a Núbia pelo viés da "egipcianização" de culturas locais, a dominação faraônica de Kush marcou-se pela presença de edificações templárias bem como de elementos materiais voltados ao culto de divindades egípcias no quadro arqueológico núbio. A presente exposição tem como objetos principais de análise duas cenas parietais do Inu, cerimônia de entrega dos tributos dos territórios núbios dominados pelo Egito no Reino Novo, contextualizadas nos períodos de governo dos faraós Tutankhamon e Ramsés II e situadas respectivamente na tumba tebana do vice-rei Huy (TT40) e no templo de Beit El-Wali (Baixa Núbia). Especificamente, o foco imagético destas cenas se dará sobretudo nas peculiares representações dos tributos bovinos com chifres deformados, de maneira a examinar possíveis expressões das tradições rituais pastoris de Kush a partir de uma abordagem inserida na proposta de um giro decolonial à experiência imperialista egípcia na Núbia sob a dialética global-local.

Santiago Colombo Reghin (USP), *Significando um império: impactos do domínio selêucida na cultura escribal babilônica (séc. III A.E.C.).*

Resumo: Após a morte de Alexandre, o Grande (324 A.E.C.), o Império Selêucida herdou a maior parte de seus territórios, estabelecendo seu núcleo na Babilônia e mantendo uma estreita relação com a elites escribal local. Na sua consolidação, os selêucidas intensificaram a integração da Babilônia com o mundo helenístico que Alexandre iniciara. Nesta comunicação, examino uma seleção de textos produzidos pelos sacerdotes letrados de Esagila (o principal templo da Babilônia) para destacar dois pontos: primeiro, o aparecimento de elementos e topoi helenísticos na cultura escribal babilônica; segundo, a experiência imperial dos sacerdotes de Esagila, como descendentes de grandes imperadores e súditos de uma nova potência estrangeira. A partir desta posição liminar do sacerdócio de Esagila, entre o passado e o presente

imperial, entre a Babilônia e o mundo helenístico, proponho duas hipóteses. Primeira, nesse contexto, os sacerdotes desenvolveram reflexões inéditas na cultura babilônica sobre o papel da sua comunidade e do seu conhecimento (registrados nos tabletas) para a estabilidade e desenvolvimento do império; segundo, para além de um processo restrito à comunidade local, ao globalizar as tendências literárias helenísticas, os sacerdotes babilônicos confeccionaram vias para apresentar a importância de sua tradição à nova elite imperial.

Luiz Antonio Goulart de Oliveira (UFSC), *Império e integração no Mar Negro no século II a.C.*

Resumo: O Reino Pôntico e o seu processo de construção imperial no período helenístico tardio (século II a.c) foi tradicionalmente entendido de maneira superficial, como apenas uma oposição à política imperial da República Romana no mesmo período. Entretanto, podemos compreender como o processo imperial pôntico ocorreu com uma lógica própria tanto no Mar Negro quanto no Mar Mediterrâneo, com base em códigos e leis sociais do período. Assim, essa apresentação busca apresentar e discutir o conceito de Império e Imperialismo no período helenístico, tendo como base o processo pôntico e a descrição do historiador grego Apiano no primeiro volume de seus livros sobre as chamadas Guerras Mitridáticas. Dessa forma, busca-se articular o entendimento de como se faz um império na antiguidade com a articulação com as cidades (sejam as pólis ou as cidadelas da Anatólia) com conceitos integrativos como o evergetismo e a perspectiva da História Global.

José Knust (IFF-Macaé), *Agricultura, Comércio e Poder na Integração regional do Mediterrâneo central (séculos VI-III a.C.)*.

Resumo: Os dados estabelecidos a partir de prospecções de superfície em diferentes áreas do Mediterrâneo central mostram um processo crescente de difusão e dispersão do assentamento rural entre os séculos VI e III a.C., o que tem sido relacionado com transformações nos sistemas agrários. Estes mesmos dados, somados a importantes descobertas de naufrágios pela arqueologia subaquática, mostram também uma crescente presença de artefatos importados de regiões cada vez mais distantes neste mesmo período, o que por sua vez tem sido relacionado com o crescimento do comércio marítimo. Estes também são séculos de constantes transformações nos sistemas políticos, desde a consolidação de importantes cidades-estado e ligas até o estabelecimento de dois grandes Impérios regionais, articulados por Roma e Cartago. Esta comunicação explora as possíveis relações entre esses três processos tentando enquadrá-las como parte de um processo de integração regional do Mediterrâneo central, que seria parte de um processo geográfica e cronologicamente mais amplo, a “Mediterranização” do primeiro milênio a.C..

Gabriel Gabbardo (University of St Andrews), *O colapso do Império Han (206 a.C. – 220 d.C.)*.

Resumo: A presente apresentação pretende fazer uma exposição do colapso do Império "chinês" Han sob uma ótica comparativa, confrontando-o com os processos de crise enfrentados pelo Império romano nos séculos III-V d.C. A agonia do Império Romano durou séculos, e posteriormente se tornou um espectro a assombrar as mentes da intelectualidade europeia; o colapso do império Han foi mais célere, mas também deixou marcas profundas na civilização chinesa.

Rodrigo dos Santos Oliveira (UFSM), *De Constantinopla para a “Montanha Dourada”: a política romana eurasiática nas relações romano-turcas (c. 580 – c. 630)*.

Resumo: Em 568, o imperador romano de Constantinopla, Justino II (565 – 578), recebeu em sua corte uma importante comitiva estrangeira oriunda da Ásia Central. A comitiva, liderada pelo comerciante sogdiano Maniakh, levava consigo uma carta do novo governante supremo da Transoxiana, Ishtemi (533 – c. 576), yabghu qaghan dos turcos ocidentais. O estabelecimento de relações diplomáticas entre turcos e romanos – mediadas em um primeiro momento pelos sogdianos – marcou um novo momento para a política romana eurasiática, política essa colocada em prática pelo imperador Justiniano I (527 – 565) e continuada por Justino II, cujo principal objetivo era proteger três importantes regiões independentes, mas de grande importância para a segurança de Constantinopla: o Cáucaso, o Mar Negro e o Danúbio. Dito isso, esta pesquisa tem como objetivo analisar o que compreendemos como o segundo momento de uma política romana eurasiática, caracterizada, principalmente, pelas interações de corte e interesses geopolíticos e comerciais compartilhados entre o Império Romano do Oriente e o Qaghanato Turco, e que se estendeu desde o governo de Justino II até Heráclio (610 – 641). Como principais fontes, utilizaremos a fragmentária História de Menandro Protetor (c. 550 – c. 605) e a também denominada História de Teofilato Simocata (580 – 630). Ademais, serão abordados conceitos como economia de prestígio, diplomacia romana e “rotas da seda”, conforme trabalhado por autores como Nikolay Kradin (2008), Mark Whittow (2018), Audrey Becker (2018) e Khodadad Rezakhani (2010).

Fabio Augusto Morales (UFSC), *“Campo de integração” como conceito da História Global*.

Resumo: Conexão, troca, interação, movimento, fluxo, emaranhamento, circulação, sincronização, fronteira, integração, totalidade, globalização, glocalização: estas são algumas

das categorias mais recorrentes nas obras dedicadas à História Global. Uma categoria particularmente importante nas ciências sociais, no entanto, recebeu pouca atenção: a categoria de campo, tal como formulada por Bourdieu e aplicada para objetos tão díspares quanto a religião, a economia e a educação, mas normalmente restritos aos limites dos estados nacionais. Esta comunicação visa explorar a aplicabilidade do conceito de campo voltado aos processos de integração intersocietal, ressaltando tanto os processos constitutivos de cada campo quanto as relações entre campos. Com isso, argumento, é possível lidar de modo consistente com o problema das múltiplas centralidades e periferalidades que constituem e são constituídas pelos processos de globalização.

Mesa 3 (01/12, 14h-17h): Espaço e religiosidade

Karina Beck (UFSC), *Delos: a agência local de uma cidade global nos séculos III – II a.C.*

Resumo: Agência local e estrutura, micro e macro, local e global – embates perceptíveis na bibliografia acerca dos séculos III e II a.C na ilha de Delos. Partindo do livro “Aegean Interactions” de Constantakopoulou (2017), e demais leituras complementares, percebe-se como um objeto pode ser analisado por diferentes perspectivas. Externamente entendida como uma importante cidade comercial - escolhida e administrada por fatores extrínsecos - quando colocada no quadro geral de relações do Egeu, Delos parece alheia a sua própria história. Por outro lado, autores como Constantakopoulou buscam as particularidades e a agência local do caso deliano, repensando o aspecto de coadjuvante impregnado por grandes nomes da historiografia específica. Diante disso, surge a urgência de entender esse embate entre perspectivas a primeira vista conflitantes, mas que podem compor uma história mais completa, pensando diferentes dinâmicas de um mesmo processo.

Renan Augusto Valmorbida (UFSC), *O lugar do sagrado em Louyang da Dinastia Han. Budismo e suas de utilizações do espaço urbano.*

Resumo: Os ambientes religiosos do mundo antigo eram lugares de centralidade para as discussões e transformações da vida cotidiana do cenário urbano. Louyang, capital da Dinastia Han Oriental, foi um dos grandes centros culturais da época devido a sua localização privilegiada e forte caráter religioso devido à sua gênese. Com a chegada do budismo na China, Louyang se torna um dos primeiros lugares a contarem com monastérios para o exercício da crença enquanto ao mesmo tempo se articulava com as religiões autóctones do império. Busca-se nessa entender como funcionou a entrada do budismo no âmbito urbano de Louyang e que espaços ocupavam, enquanto analisamos conceitos de glocalização e espacialidade.

Ana Beatriz Siqueira Bittencourt (UFRJ), *Os Judeus e o Império Romano no contexto das Guerras Romano-Judaicas (séculos I e II d.C.)*.

Resumo: O presente trabalho busca comparar a construção e o realce das identidades do judeu e do romano ao longo do período das Guerras Romano-Judaicas dos séculos I e II d.C., identificando a partir da análise das fontes escritas e materiais, as relações estabelecidas nos contextos de guerra e pós guerra, na Judeia e nas comunidades da diáspora. Assim serão tratadas as experiências acerca da Primeira Guerra Romano-Judaica, ocorrida entre os anos 66 e 73 d. C., que foi o estabelecimento do marco da insatisfação dos judeus perante a corrente dominação romana; as experiências vividas nos contextos da diáspora – tanto a que ocorre no período pós Primeira Guerra, como a que por fim é imposta por Adriano no duro desfecho da Segunda Guerra –, e nas revoltas que ocorreram sob o governo de Trajano entre os anos de 115 e 117 d. C., se espalhando principalmente na Cirenaica, Mesopotâmia, no Egito e em Chipre; ou ainda, mais tarde, entre os anos de 132 e 135 d. C., na eclosão da Segunda Guerra Romano-Judaica, também conhecida como Revolta de Bar Kokhba, marcada pelos judeus insatisfeitos com as políticas implementadas na Judeia pelo imperador Adriano. Para este fim, são mobilizadas as narrativas de Tácito, Flávio Josefo, Dião Cássio, Eusébio de Cesaréia e partes dos Pergaminhos do Mar Morto, em junção à análise de moedas que versam sobre a temática destas guerras, e demais fontes arqueológicas que possam contribuir no perceber da formação dos espaços vividos. Destacando-lhes as especificidades e estratégias discursivas empregadas em cada fonte trabalhada, a medida que as identidades romano e judaica são utilizadas uma em contraponto à outra. Posto isto, é preciso relacionar tais obras à proposta de trabalho das identidades, onde nota-se a construção da etnicidade entre e a partir da interação social, ao mesmo tempo em que se concebem as fronteiras étnicas em suas relações fluidas, variáveis e em constante transformação.

Victor Passuello (UEG), *Josefo e a Diáspora judaica: elementos para a construção de uma história global dos judeus na antiguidade*

Resumo: Nesta comunicação vamos destacar como e por quais razões o historiador Flávio Josefo, durante o século I E.C., deu a importância para as comunidades judaicas que estavam espalhadas no Mediterrâneo Antigo e, além dele, no Oriente Próximo (Pártia e Adiabene). Depois disso, vamos destacar como os elementos característicos da Diáspora judaica descritos por Josefo podem ser pensados através de categorias e conceitos que são usadas para descrever a História Global. Esses elementos são, primeiramente, geográficos e espaciais: relações espaciais ente o centro, representado por Jerusalém e o Templo, e a periferia, representada pelas comunidades judaicas que viviam nos centros urbanos espalhados no mundo antigo. As

periferias judaicas, também, são representadas, em Josefo, pelas sinagogas. Qual é o papel das Sinagogas nas obras de Flávio Josefo? Em um segundo momento, vamos destacar como, além da questão espacial e da interação entre os judeus no mundo antigo, Josefo pensou o judaísmo como uma religião natural e global, do ponto de vista filosófico, mostrando que existia uma compatibilidade entre a piedade e os valores judaicos e os valores religiosos de gregos e romanos, apesar do Judaísmo ser uma religião que estabelece e estabelecia rígidas fronteiras entre judeus e gentios. Por fim, vamos explicar como a escrita da história universal que era compartilhada entre gregos e romanos a partir da época Helenística (séculos III e I A.E.C.) influenciou a escrita de Josefo sobre a diáspora judaica antiga. Mais ainda, vamos apontar como a escrita da história universal usada por Josefo nas Antiquidades Judaicas pode ser pensada por meio de categorias comuns à escrita da história global, destacando, também, os limites desse diálogo entre a história universal antiga judaica, greco-romana e a história global contemporânea.

Thalita Schuh Venancio da Costa (UFSC), *Análise da primeira urbanização andina*.

Resumo: A disposição e organização das construções em uma cidade traz uma importante carga de informações sobre a cultura e a vida de uma sociedade. Essa é uma temática que vem sendo cada vez mais pesquisada como mais uma fonte de informações para tentar entender o desenvolvimento das civilizações, sua vida cotidiana, relações internas e externas, bem como as influências por elas deixadas em um contexto de história global. Com base nestes pontos, este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise da disposição urbanística da cidade antiga Caral, buscando problematizar a tese de que esta sociedade tenha desempenhado o papel de primeiro Estado da América pré-hispânica. A cidade Sagrada de Caral localizada no vale Supe no Peru, atualmente é considerada uma das primeiras formações urbanas na América que se desenvolveu entre 3.000 e 1.800 A. E. C. Este é o primeiro passo para uma análise mais ampla que pretende abordar as relações destas organizações urbanísticas com o dia a dia da sociedade Caral-Supe e compará-la com as demais civilizações andinas.

Resumo do ST: A crítica ao eurocentrismo e ao internalismo metodológico, intensificada no final dos anos 1990, produziu uma série de abordagens que empregavam, de modo mais ou menos explícito, métodos e teorias inspiradas na globalização para objetos tradicionais da História Antiga. Cada vez mais, histórias baseadas em civilizações (precursoras imperfeitas do estado nacional: “os gregos”, “Roma”, “o Egito”, “os fenícios”) e no excepcionalismo e isolamento de gregos e romanos (contrapostos à barbárie oriental) foram percebidas, pela historiografia, como insuficientes para a superação dos dilemas ético-políticos e científicos do eurocentrismo. Assim, por exemplo, Mogens Hansen (2000) produziu o grande projeto de comparação entre a “cultura de cidades-estados” da Grécia com mais de trinta outros exemplos, da Mesoamérica pré-colonial à África medieval; no mesmo ano, P. Horden e N. Purcell (2000), por sua vez, propuseram uma “história do Mediterrâneo” centrada nos

modos pelos quais as sociedades mediterrânicas lidaram com a necessidade, imposta pelo espaço, de se conectarem umas às outras. A onda ganhou força na década de 2010, com a multiplicação de histórias comparadas (Roma/Grecia/Egito de um lado, China/Índia/América de outro), de histórias das “globalizações antigas” (a construção de comunidades culturais e linguísticas ou de impérios), histórias da circulação de coisas e pessoais (do incenso à arte grega, do marfim africano ao lápis-lazúli centro-asiático), histórias dos sistemas-mundo (seja do Bronze, seja de Roma), das fronteiras culturais e econômicas (da interação com os “bárbaros” ao uso da escrita como forma de integração e distinção), do contato e do hibridismo intercultural (da interpretatio de deuses estrangeiros ao trilinguismo em indivíduos e inscrições), em diálogo com as teorias da globalização a partir de diferentes entradas, do marxismo ao liberalismo, do pós-colonial ao decolonial, da cultura à economia, da macro ou da microhistória. O objetivo deste simpósio é reunir pesquisas que reflitam sobre os desafios, possibilidades e limites colocados pela História Global à História Antiga, e por esta à própria História Global.

Bibliografia

- AMIN, Samir. *Global History: A View from the South*. Nairobi (Kenya): Fahamu/Pambazuka Press, 2011.
- BELICH, James et al. (ed.). *The Prospect of Global History*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- BROODBANK, Cyriac. *The Making of the Middle Sea: A History of the Mediterranean from the Beginning to the Emergence of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BURSTEIN, Stanley M. *The World from 1000 BCE to 300 CE*. New York: Oxford University Press, 2017.
- CONRAD, Sebastian. *What Is Global History?* Princeton, NJ: Princeton University Press, 2016.
- CROSSLEY, Pamela K. *O que é história global?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- ECKSTEIN, Arthur M. *Mediterranean Anarchy, Interstate War, and the Rise of Rome*. Berkeley, CA: University of California Press, 2006.
- FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio D. (org.). *As formas do Império Romano*. Ouro Preto, MG: Edufop, 2014.
- FILLAFER, Franz L. *A World Connecting? From the Unity of History to Global History*. *History and Theory*, v. 56, n. 1, p. 3-37, mar. 2017.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B.; HIRATA, Elaine F. V. (org.). *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp, 2009.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Uma morfologia da História: as formas da História Antiga*. *Politeia – História e Sociedade*, Vitória da Conquista, BA: Uesb, v. 3, n. 1, 2003.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio*. *Mare Nostrum*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 113-127, dez. 2010.
- HANSEN, Mogens H. (ed.). *A Comparative Study of Thirty City-state Cultures: An Investigation*. Copenhagen: Kongelige Danske Videnskaberne Selskab, 2000.
- HARRIS, William V. (ed.). *Rethinking the Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HORDEN, Peregrine; PURCELL, Nicholas. *The Corrupting Sea: A Study of Mediterranean History*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2000.
- KUNTZ FICKER, Sandra. *Mundial, transnacional, global: un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales*. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Paris: EHESS, 27 mar. 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/66524>.
- MALKIN, Irad (ed.). *Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity*. London: Routledge, 2005.

- MORRIS, Ian. Mediterraneanization. *Mediterranean Historical Review*, v. 18, n. 2, p. 30-55, dez. 2003.
- OLSTEIN, Diego A. *Thinking History Globally*. London: Palgrave Macmillan, 2014.
- PITTS, Martin; VERSLUYS, Miguel J. (ed.). *Globalisation and the Roman World: World History, Connectivity and Material Culture*. New York: Cambridge University Press, 2015.
- SHANKMAN, Steven; DURRANT, Stephen W. (ed.). *Early China/Ancient Greece: Thinking through Comparisons*. Albany, NY: SUNY Press, 2002.
- VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- WEBSTER, Jane. Creolizing the Roman Provinces. *American Journal of Archaeology*, v. 105, n. 2, p. 209-225, 2001.

ST5. (Re)existências e resistências da Antiguidade

Organizadores: Camila Condilo (UnB), Fábio Faversoni (UFOP), Ygor Klain Belchior (UEMG)

Local: Auditório do Anexo do Bloco E (térreo)

Mesa 1 (29/11, 14h-17h): Olhares diversos sobre a Antiguidade I

Camila Condilo (UNB), *Animais como indicadores de instabilidade social no mundo grego antigo*

Resumo: Tema consolidado e concentrado por muitos anos na área de filosofia, as relações humano-animais têm se estabelecido como um campo de estudos de grande interesse entre os pesquisadores das ciências humanas e sociais nas últimas duas décadas. Essa tendência não passou despercebida pela história, tampouco pela área de estudos clássicos. Muitas são as abordagens de fontes escritas e materiais e suas respectivas publicações sobre o assunto, as quais vão desde questionamentos sobre se havia consentimento do animal perante seu sacrifício ritualístico iminente, passando pelos vários usos de animais como ferramentas textuais, até chegar em questões de gênero e sexualidade. No caminho trilhado por esses trabalhos, eu exploro uma hipótese que, me parece, ainda não foi objeto de atenção dos pesquisadores da Antiguidade: a relação entre a presença de animais em certas passagens-chaves de fontes históricas e literárias gregas e sua relação com momentos de instabilidade social. Para tanto, eu discuto algumas passagens de importantes documentos dos períodos arcaico e clássico, como Homero, Tucídides, dentre outros. Com isso, espero contribuir não só para as discussões sobre o tema das relações humano-animais no campo da história antiga, mas também chamar atenção para o fato de que observar os animais e os ambientes dos quais eles fazem parte serve até hoje como uma espécie de termômetro do nosso próprio estado social.

Thiago do Amaral Biazotto (UNICAMP), *Desamparo e confusão: Dario III e o exército persa no Mosaico de Alexandre*

Resumo: Descoberto na chamada Casa do Fauno, em 1831, o chamado Mosaico de Alexandre é um dos mais afamados avatares da arte antiga. Figurando um imponente embate entre o exército macedônio de Alexandre Magno e as fileiras aquemênidas de Dario III, um dos maiores

legados dessa obra é, justamente, as diferentes maneiras pelas quais são representados ambos os soberanos: enquanto o conquistador encarna a determinação e coragem, o Grande Rei persa encarna a covardia e o fracasso, traduzidos em sua desastrada fuga do campo de batalha. Contudo, tão ou mais importante que a imagem de Dario no painel pompeiano são os soldados persas anônimos que fenecem enquanto protegem seu basileu. Esta apresentação, portanto, buscará enfatizar as diversas micro-histórias identificáveis entre os combatentes persas no Mosaico de Alexandre, com o fim de averiguar em que medida essas imagens ratificam ou desdizem a impressão geral, corrente na historiografia desde o século XIX, como um momento à fraqueza e à covardia associadas comumente aos persas na arte grega. Ademais, outros aspectos serão tangenciados nesta fala, quais sejam: datação, comitente e, em especial, as relações entre a pintura original helenística que inspirou o mosaico e o atual formato painel.

Maria Carolina Rodrigues (USP), *Os Príncipes de Teh-Khet – Renovando alianças e autoridade na Baixa Núbia sob a XVIII Dinastia Egípcia (1555-1425 a.C.)*

Resumo: A primeira metade da XVIII Dinastia egípcia (1550-1295 a.C.) foi marcada por um movimento expansionista egípcio em direção ao Levante, no Norte, e à Núbia, no Sul, dominando simultaneamente ambas as regiões. Durante o contexto, os líderes nativos núbios da Baixa Núbia foram incorporados ao aparato administrativo imperial egípcio, como parte de um projeto de incorporação. Com o desenvolvimento da estrutura administrativa egípcia na Baixa Núbia, as elites nativas passam a se representar de acordo com os padrões egípcios, sendo chamados de egipcianizados. Ao explorar o estudo de caso da família e elite de Teh-Khet, observa-se o aprofundamento de questões de negociação de dois mundos. A partir das estelas de Teti de Elefantina, de Djehuty-hotep e a de Amenemhet ambas em Debeira, a presença de nomes duplos e os avanços da titulação egípcia são usados para examinar a hierarquia e disputa de poder interna entre os membros da família nativa. A família de Teh-Khet transitava entre representações egípcias, que legitimavam sua autoridade no contexto egípcio, ao mesmo tempo em que não deixaram de lado elementos núbios. Busca-se demonstrar como elementos núbios escolhidos explicitam uma organização social e familiar dessa elite nativa.

Gabriel Freitas Reis (UFSM), *Territorialidades paralelas: a Sé de Viena entre o Papado de Roma e o Império de Constantinopla.*

Resumo: Alcimo Edício Ávito foi um nobre gaulês do século V/VI EC, que ocupou, quando adulto, o cargo de bispo da Sé de Viena (atual Vienne, França). Ele reuniu uma correspondência na qual constam noventa e seis textos de gênero epistolar, ainda que alguns também possam ser entendidos como panegíricos ou tratados teológicos. As Epistulae 39, 40, 41 e 42 mostram uma reverência do bispo com relação à Sé de Roma e ao papa Hormisda, nas quais Ávito de Viena

faz apologia ao credo de Roma. Outras cartas, as Epistulae 46A, 49, 78, 93 e 94, ditadas por Ávito, remetem-se ao imperador Anastácio, e elogiam a fé monofisista dele, considerada herética pelo papa romano. O nosso objetivo é compreender que interesses Ávito de Viena buscava defender ao elaborar discursos contraditórios. Utilizamos o conceito de território de Marcelo Lopes Souza, e vinculamo-nos aos preceitos do pensamento pós-colonial.

Renan Peixoto (USP/Bologna), *As invasões bárbaras: inquietações antigas e contemporâneas*.

Resumo: "O adormecer do 2º milênio a.C. no Mediterrâneo oriental é pontuado por grandes transformações sociais, políticas e econômicas. Na historiografia do período não faltam etnônimos para os responsáveis. "Dórios", "povos do mar", "egeus", por exemplo, são alguns poucos dos muitos rótulos empregados. Nas diferentes arqueologias regionais do Egeu, Levante e Oriente, uma mesma orientação culturalista histórica por muito tempo dominou o modo de escrever a história "antes da história". De acordo com ela, itens da cultura material formam uma espécie de "cartão de visita" de intrusos. Se, por um lado, a história-como-evento vem sendo combatida por gerações de estudiosos, arqueólogos em geral, por outro, quando se trata de conceptualizar identidade e mudança cultural, permanecem imobilizadas nas mesmas bases epistemológicas de Gustaf Kossinna. Assim, muitos discursos sobre mobilidades no passado longínquo ou recente são povoados por imigrantes, invasores e refugiados de toda sorte e nas entrelinhas se lê uma certa inquietação com a massa anônimo de refugiados tentando uma chance dentro das fortalezas do norte global, como os eventos registrados nas ilhas de Lampedusa em 2011 ou Lesbos em 2016. Que o fato destas categorias sejam recorrentes na história da migração global não nos inibe de questionar como umas do presente informam outras do passado. Seria possível da perspectiva sul global apontar os limites e consequências políticas práticas de tal maneira de olhar coisas e pessoas (e pessoas como coisas)? Nessa apresentação, discutiremos conceitos de movimento, mobilidade e migração através de uma classe de artefatos de bronze, as espadas Naue Tipo II de ampla disseminação no mundo antigo, lançando luz especial sobre a conexão entre a península itálica e o Egeu durante a Idade do Bronze Final (sécs. XIII-XI a.C.). Estas espadas dão corpo a muitas das interpretações sobre os processos de mudança cultural do período e tem sido manejadas de acordo com hipóteses concorrentes tão diversas quanto a conclusão de migração, invasão, difusão e comércio e, por esta razão, oferecem uma oportunidade ímpar para testar uma abordagem teórico-metodológica transcultural de mobilidade e os recursos arqueológicos para inferir tipos e processos.

Wendell dos Reis Veloso (UNIRIO/CEDERJ), *Identidade Cristã Católica e Magia em De Civitate Dei de Agostinho de Hipona (Século V EC)*.

Resumo: Aurélio Agostinho (354-430 EC) foi um bispo cristão nascido na província imperial romana da África. Seus escritos são muitos e cobrem uma vasta temática, de modo que em sua grande e derradeira obra *De Civitate Dei* (A Cidade de Deus), penejada entre o início da segunda década do século V até cerca de 427 EC, o bispo da cidade africana de Hipona reflete sobre a magia em um contexto delicado no qual o retorno aos cultos tradicionais romanos era aventado por parte da aristocracia. Nesta comunicação analisaremos o discurso agostiniano sobre a magia presente no Livro X de A Cidade de Deus a partir das contribuições de Michel Foucault sobre o discurso.

Mesa 2 (30/11, 14h-17h) – Olhares diversos sobre a Antiguidade II

Mariana Marchi Malacrida (UFSC), *Apontamentos sobre a formulação da doutrina do direito natural na história do pensamento jurídico romano: a concepção de razão e ordem natural na literatura latina*

Resumo: A comunicação tem como objetivo apresentar alguns apontamentos relevantes da formulação da doutrina do direito natural na história do pensamento jurídico romano. O conceito de natureza (*physis*, *natura*) é um ponto estruturante na doutrina do direito natural, assim como também é uma questão fundamental para o pensamento filosófico estoico, que ao longo de sua história se caracterizou como uma filosofia de caráter prescritivo no campo da Ética e também da Física. Do sistema estoico se extraem modelos de ação que derivam de seu conceito de natureza, bem como de suas concepções, no campo da Ética, do conceito de bem (*dali decorrente*, de bem político) e de virtude. São os elementos do debate filosófico acerca da natureza que no estoicismo preconizaram e estruturaram o discurso estoico sobre a ação e a interrelação humana, tanto no âmbito das relações internas e privadas, quanto das relações públicas, no contexto de uma comunidade política. Também os juristas do direito clássico romano se serviram do conceito de natureza (e outros conexos ou derivados como o de razão natural) para fins casuísticos ou prescritivos na literatura clássica. Nesse sentido, propomos uma análise histórico-jurídica a respeito do pensamento jusnaturalista romano no período tardo republicano através da análise das obras do Marco Túlio Cícero, adentrando o principado romano com a concepção estoica de Lúcio Aneu Sêneca, na estruturação dos argumentos da concepção de razão e ordem natural.

Sarah Fernandes Lino de Azevedo (USP), *O conceito de “Crimes Sexuais” para o estudo da sociedade e das instituições romanas do período da República e início do Império.*

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo discutir os limites e potencialidades do conceito de 'Crimes Sexuais' nos estudos sobre a sociedade romana. Deste modo, procura-se apontar aspectos sobre a historicização do conceito de Crimes Sexuais, debatendo sobre a carga de artificialidade e de anacronismo em seu emprego na historiografia sobre a sociedade romana. Procura-se, também e principalmente, para além de apontar as potencialidades do conceito para o estudo da sociedade romana, ressaltar a importância de uma constante historicização do conceito como forma de contribuição ao debate acerca do combate à violência sexual e de gênero, e, neste sentido, enfatizar seu valor interdisciplinar, uma vez que contribui para a teorização da dogmática penal. Ademais, ressalta-se também o potencial didático enquanto recurso temático para o ensino de História. Para demonstrar a potencialidade do conceito aplicado aos estudos sobre a sociedade romana do período da República e início do Império, dois episódios centrais de crimes sexuais são analisados: o episódio do estupro de Lucrecia e o atentado à Virgínia. Ambos os episódios fazem parte do repertório de crimes sexuais apresentados por Tito Lívio em sua obra sobre a história da cidade de Roma, publicada na época de Augusto. Tais episódios vêm sendo interpretados como importantes para se compreender o desenvolvimento das instituições político-sociais romanas, a idealização do cidadão e da natureza do Estado Romano, a idealização de masculinidades e feminilidades e a negociação de atributos de gênero no convívio citadino e no cotidiano da Roma antiga.

Anita Fattori (USP/Sorbonne), *Mobilizando linguagem e negociando espaços: Estratégias de inserção de mulheres assírias no comércio de longa distância entre Mesopotâmia e Anatólia*

Resumo: As informações encontradas nos tabletas cuneiformes do período paleoassírio, período que se estende de c.2000-1700 AEC, nos permitem observar interações trans-locais que se iniciam ao redor da organização do parentesco. Nesse cenário de comércio de longa distância, cartas eram constantemente intercambiadas entre membros de uma mesma família e parceiros comerciais estabelecidos em Assur ou em diferentes entrepostos comerciais na Anatólia, principalmente em Kanesh. A análise da linguagem empregada nas cartas enviadas pelas mulheres das famílias mercadoras assírias pode nos dar algumas pistas de como mobilizavam a linguagem a seu favor não apenas para manutenção dos laços familiares, mas sobretudo para negociar a sua participação nas redes de comércio. Como resultado, uma comunicação eficaz expandiu o potencial de mobilidade dessas mulheres, que circulavam por diferentes contextos e interagiam com parceiros comerciais para além das redes estabelecidas por seus maridos/irmãos, incluindo mulheres de outras famílias. Por meio da análise sistemática da linguagem usada nas cartas das irmãs Šimat-Ištar e Ummī-Ishara, filhas do mercador Elamma, pretendemos ampliar nossa compreensão de como estas mulheres se inseriam nas relações, estabeleciam e mantinham laços, bem como como negociavam os seus papéis nesta sociedade a partir da matriz favorável de sociabilidade interpessoal no período, a família.

Victoria Lacerda de Lima (UNIFESP), *Homossexualidade feminina na Roma antiga (I d.C.): Prática comum ou resistência? Entre a religiosidade, as leis e as representações de experiências amorosas-sexuais*

Resumo: A presente comunicação é fruto do projeto de pesquisa intitulado “Sexualidade feminina na Roma antiga (I a.C. – I d.C.): entre os versos de Ovídio, os grafites e as pinturas parietais de Pompeia”, desenvolvido sob orientação do professor doutor Glaydson José da Silva, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo. Para o XI Encontro Nacional de História Antiga (ANPUH-2022), pretende-se apresentar notas iniciais da pesquisa em andamento. Pretende-se analisar os discursos acerca da homossexualidade feminina e suas representações na literatura erudita de Ovídio e nas pinturas e grafites de Pompeia, assim como, a relação desses discursos com a religiosidade e as leis. Análise que pode contribuir para o campo de estudo da Antiguidade Clássica ao questionar se as relações amorosas-sexuais entre mulheres na Roma antiga (I d.C.) podem ser compreendidas como uma prática comum ou como resistência. Para isso, foram selecionadas três fontes, sendo: o conto de Ífis e Iante, Metamorfoses IX, de Ovídio; o grafite 5296, Corpus Inscriptionum Latinarum. v. IV; e uma pintura parietal, localizada em uma Casa de Banho Suburbana de Pompeia.

Vittória Vargas (UFSC), *“Medusa já fora uma bela mulher”*: *entrelaçamento e a construção de uma imagem de Medusa nas Metamorfoses de Ovídio.*

Resumo: No livro IV da Metamorfoses Ovídio narra a história da Medusa, personagem conhecida da mitologia grega, com cabelos de serpentes. A questão, desapercibida, sobretudo, no imaginário coletivo, talvez por não terem sido as representações mais selecionadas por obras da literatura, do teatro ou pelo cinema, é que Medusa nem sempre fora assim, ao contrário, já fora uma bela mulher. Em grego, a personagem aparece nas obras de vários autores, como Homero, Hesíodo, Apolodoro, já em latim, na Eneida de Virgílio. Como se deu a transformação de Medusa de uma bela mulher para esse ser híbrido temido com cabelos de serpentes e o que isso significa? Como a questão foi percebida, sistematizada e apresentada na confluência entre as narrativas gregas e as romanas? Como podemos problematizar essa questão a partir das noções que tomamos emprestadas da História Global? Essas são algumas inquietações que abordamos nesse artigo.

Juliana Magalhães dos Santos (USP), *Desejo e morte: Erotismo em representação iconográfica ápula do século IV a.C.*

Resumo: Nesta comunicação apresentaremos algumas considerações sobre as representações do Eros e as possíveis correlações entre sexualidade, desejo e morte em iconografias ápuas produzidas no IV século a.C. Dados estatísticos e análises de representações vão compor a apresentação do tema, indicando a possibilidade de uma concepção erótica interssexual, conectando as figuras representadas e quiçá o desejo dos representantes. O processo leva em consideração a ideia de que a demonstração do cenário imagético, da forma física(vaso) e do corpo erótico representado expressam a posição conectiva de um desejo. Seja o desejo que ""paira"" na memória, entre a vida e a morte, do desejo de conquista, entre a busca pela vitória e a derrota, de um desejo físico ou sexual, entre a sublimação e a contenção do corpo. A partir dessas reflexões tentaremos alcançar uma possibilidade de uma releitura da potência primitiva do Eros no centro sul da Península Itálica na Antiguidade.

Mesa 3 (01/12, 14h-17h): Recepção e usos do passado grecorromano

Ygor Klain Belchior (UEMG-Campanha), *Os usos políticos da Esparta antiga pela extrema-direita brasileira*

Resumo: Nos últimos anos, os historiadores precisaram disputar as suas narrativas com as da extrema-direita. Visando à inserção nessa contenda, o nosso trabalho está centrado no estudo das apropriações de Esparta pela extrema-direita brasileira. A escolha de Esparta foi o resultado da observação de fenômenos contemporâneos ocorridos no Brasil. Talvez o exemplo mais claro seja o grupo de extrema-direita brasileiro autointitulado “300 do Brasil”, liderado por Sarah Winter – homônima de uma socialite britânica que serviu como espiã de Hitler e foi membro da União Britânica de Fascistas. Vale notar que, além das menções a Esparta e às Termópilas, há elementos compartilhados entre os 300 do Brasil e movimentos neonazistas americanos, como a máscara de caveira e o uso de tochas, que afastam a probabilidade de uma coincidência no uso de tais simbologias. Partimos da seguinte problemática: os extremistas apropriam-se apenas de elementos do passado espartano ou são releituras de Esparta, com algum conteúdo históricos, mas que foram apropriadas de outras épocas? Com isso, traçamos três objetivos: 1) compreender as comunidades virtuais como um ambiente onde narrativas históricas estão em disputa; 2) promover a autonomia discente perante à avaliação de tais narrativas; 3) entender como grupos extremistas manipulam o passado para a promoção do ódio. Metodologicamente, as apropriações foram estudadas a partir de dois conceitos: o de “forma” e o de allelopoiesis. O conceito de “forma”, elaborado por Guarinello (2010), se refere a uma construção arbitrária, que engloba vestígios descontínuos do passado para permitir a construção, no presente, de interpretações e narrativas sobre esse passado. O de allelopoiesis, utilizado com base em Favarsani (2020), ajuda-nos a incluir no raciocínio as várias formas que condicionaram e

mudaram, através do tempo, a imagem que temos hoje de Esparta. As referências à Esparta foram retiradas do Twitter, tendo como recorte temporal os anos de 2017 a 2022. Para estudar as imagens, recorreremos à “arqueologia de salvamento” da documentação digital, uma vez que, de acordo com Almeida (2011), no momento de estudo de fontes digitais, o historiador torna-se responsável pela análise e também pela preservação da informação. Sendo assim, para a questão do armazenamento da documentação, realizamos o salvamento dos arquivos pesquisados em formato PDF, construindo assim um banco de dados digital.

Lucas Arantes Lorga (UNIFESP), *História antiga e nacionalismo: Usos de Fustel de Coulanges pela revista L’Action Française durante a França de Vichy (1940-1944)*

Resumo: O presente projeto pretende estudar os usos da figura e obra do historiador francês metódico do século XIX, Numa Denis Fustel de Coulanges, pelo movimento reacionário do século XX Action Française. A partir da revista L’Action Française, fundada em 1908 e extinta após a Liberação em 1944, será possível realizar três abordagens aos documentos: primeiro, entender qual o papel político e intelectual desempenhado na consolidação do Governo de Vichy (1940-1944) pela Action Française, contextualizando o movimento em seu momento político específico. Segundo, sistematizar o conceito de nação utilizado pela Action Française e compará-lo com o pensado por Coulanges, mostrando suas rupturas e continuidades. Por último, compreender como a Action Française usou politicamente o passado, principalmente a antiguidade galo-romana representada pela historiografia de Coulanges, para criar um continuum étnico na história francesa. Assim, a partir do método hermenêutico, tentar-se-á apreender a relação entre nacionalismo e cultura histórica da organização nas páginas de seu jornal. Mesmo que a documentação esteja disponível desde 1908, serão utilizadas principalmente as edições de 1940 até 1944, recorte definido pelo início da Segunda Guerra Mundial, extinção da Action Française, prisão de parte de seus fundadores e ascensão e derrocada do governo de Vichy.

Augusto Antônio de Assis (UNIFESP), *Os cinejornais do Instituto LUCE e a Piazza Augusto Imperatore: Reflexões sobre o papel da Antiguidade na Itália fascista*

Resumo: A temática dos usos do passado romano na Itália fascista possui interesse de estudo cada vez mais renovado, em especial na última década. Apesar de intrigantes análises tendo como escopo os meios de divulgação em massa, pouca atenção foi delegada a uma tipologia, à época, inovadora: os cinejornais. No contexto em questão, os curtos filmes-reportagens, produzidos por uma entidade paraestatal, o Instituto LUCE, estavam entremeados pelo culto da romanidade. Nossa pesquisa intenta, desse modo, o exame de tais fontes a fim de refletir sobre os usos do passado, bem como acerca de uma das facetas de seu processo de recepção. Dada a

amplitude do corpus documental, efetuamos um recorte no contexto das renovadas pretensões imperialistas do regime, tomando para estudo o processo de edificação de um de seus lugares memorativos mais emblemáticos, a Piazza Augusto Imperatore. Haja visto que nosso tema incide diretamente sobre o projeto de modernidade fascista - em especial no tocante às intervenções urbanas em Roma -, repensar o papel então exercido pela Antiguidade faz-se necessário. Propomos que o mesmo não se deu por meio de um paralelismo histórico, mas sim um continuum, ou seja, uma Antiguidade enquanto Modernidade.

Júlia Vitória Gonçalves de Lima (FURB) & Dominique Vieira Coelho dos Santos (FURB), *Giambattista Vico (1668-1744) e sua Scienza Nuova: Um “proto-historicismo” como iniciador, sustentáculo ou ruptura da “querela dos antigos e dos modernos”?*

Resumo: A construção da ideia de modernidade é dependente de uma representação da Antiguidade. Vários escritores se manifestaram sobre o tema de diferentes maneiras. Enquanto Maquiavel, por exemplo, acreditava que estariam na Antiguidade os exemplos a serem seguidos, conferindo à História, um caráter de aprendizagem (*História magistra vitae*), Guicciardini, um de seus críticos, sustentava que era um erro muito grande citar os antigos a cada passo, pois para que os exempla tivessem validade teríamos que viver como os antigos viviam, nas mesmas condições, como aponta Peter Burke. Os modernos estudaram tanto os antigos que perceberam também o não familiar, gerando um senso de ruptura com o passado, o que ficou conhecido como "a querela entre os antigos e os modernos". Giambattista Vico (1668-1744) era um entusiasta da "Antiguidade Clássica" e tentou conciliar algumas questões que importavam tanto aos "antigos" como aos seus contemporâneos, sobretudo na proposição de uma "Scienza Nuova", materializada em uma obra de mesmo nome em 1725. Vico abordou ideias formuladas por autores da Antiguidade, como Aristóteles, Platão, Cícero, e outros, para mobilizar temas relacionados com a retórica, a poética, as faculdades sensíveis e estabelecer um diálogo com a produção do conhecimento em seu tempo. Do confronto dessas ideias "modernas" e "antigas" surgirá um incômodo com relação a percepção dos dois períodos, o que acabou gerando um debate muito importante até hoje. Na historiografia, é frequente vermos o nome de Vico tanto relacionado com o que convencionou-se chamar de "Contrailuminismo", principalmente em oposição às ideias de "progresso" e "racionalidade", quanto como tendo produzido ideias fundamentais para pensarmos História e Filosofia da Arte, Estética e Teoria da História. Nesta comunicação, fruto de uma pesquisa em andamento, realizamos uma incursão inicial a partir da seguinte problemática: Vico deveria ser localizado na origem dessa "querela entre antigos e modernos", como somente um entre seus inúmeros debatedores ou como alguém que supera essa dualidade com a elaboração do que Larry Norman apontou como "proto-historicismo"? Nossa hipótese é de que Vico tentou conciliar Retórica com Poética, imaginação com objetividade, os antigos com os modernos.

Jessica Cabral (UFPR), *Antigos Lugares, Novos Horizontes: tradução da obra de Jean-François Champollion*

Resumo: Nesta comunicação, abordar-se-á a produção de Jean-François Champollion. Em 2022, celebra-se o bicentenário da decifração dos hieróglifos, assim como o surgimento do estudo científico do Antigo Egito: a Egiptologia. Champollion, imprescindível personagem dessa história, possui uma considerável obra que se dedicou a interpretar a língua, a cultura e a história da antiga sociedade que viveu às margens do Nilo. Contraditoriamente à sua fama e importância, bem como à grandiosidade da produção em língua portuguesa no ramo da Egiptologia, as obras de Champollion até o presente não possuem nenhuma tradução para nosso idioma. Nesse sentido, buscaremos aqui expor parte de nosso trabalho de tradução de obras escolhidas do autor, assim como sua análise, contextualização e recepção.

Fábio Faversoni (UFOP), *A “corrupção” de Catilina: estudo de um conflito aristocráticos e sua transmissão.*

Resumo: O célebre caso conhecido como “Conspiração de Catilina” é frequentemente utilizado como exemplo da crise da República em razão da corrupção dos costumes. Cícero publicou quatro de seus discursos a respeito do caso, as famosas Catilinárias, e construiu para a posteridade um retrato complexo e bastante vivo da ameaça à República que estava personificada em Catilina. Nessa comunicação, pretendemos estudar esses discursos ciceronianos e a igualmente célebre obra de Salústio que trata dessa Conjuração para refletir sobre as disputas que estavam em curso e que armas foram mobilizadas para buscar uma vitória. Na disputa, podemos perceber muitos pontos de consenso que podem soar assustadoramente contemporâneos: todos os políticos são corruptos, o Estado foi tomado por saqueadores e os que contestam isso querem apenas ser os novos saqueadores, a liberdade já não existe mais – exceto como excesso! etc. O ponto em disputa em um cenário como esse coloca dois campos de luta que se mesclam, o primeiro em dependência do segundo: como salvar um mundo que aparentemente já se perdeu totalmente? Como esse mundo pode se salvar se quem o quer destruir segue fazendo parte dele? Nossa comunicação busca discutir os mecanismos mobilizados nessa luta intra-aristocrática que se tornou paradigmática e exemplos para muitas gerações posteriores. Talvez sua exemplaridade, infelizmente, siga sendo muito relevante ainda hoje.

Resumo do ST: O propósito deste Simpósio Temático é oferecer um espaço para a discussão dos mais diversos trabalhos e abordagens sobre a História Antiga em seus múltiplos entendimentos. Os Estudos Clássicos como um todo passam por vários processos de revisão e questionamento tanto de sua legitimidade quanto de seus contornos. Isto têm levado a uma transformação importante do campo com a multiplicação de temas de pesquisa e abordagens. O presente Simpósio Temático, assim, é proposto pensando na necessidade de o GTHA abarcar e acolher toda esta diversidade de trabalhos. Em síntese, outro título para este Simpósio poderia ser “omnibus”; todes vindes.

Bibliografia

- COELHO, Ana Lúcia S.; BELCHIOR, Ygor K. BNCC e a História Antiga: Uma possível compreensão do presente pelo passado e do passado pelo presente. *Mare Nostrum*, v. 8, n. 8, 2017, p. 62–78.
- CORSI, Semíramis. Aspectos do Ensino de História Antiga no Brasil: Algumas Observações. *Alétheia: Revista de estudos sobre Antiguidade e Medieval*. vol. 1, 2010. P. 145-155.
- FAVERSANI, Fábio; SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; ROSILLO-LÓPEZ, Cristina. A história antiga entre o local e o global: integração, conflito e usos do passado / Ancient history between local and global: integration, conflict, and uses of the past. *História Antiga: Diferentes Perspectivas / Ancient History: Different Perspectives*. *Revista Brasileira de História*, v. 40, n. 84, 2020, p. 13-19
- FRANCISCO, Gilberto da S. O Lugar da História Antiga no Brasil. *Mare Nostrum (São Paulo)*, v. 8, n. 8, 2017, p. 30–61.
- GUARINELLO, Norberto L. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HECKO, Leandro. Usos do passado e educação histórica: temas sobre a Antiguidade em evidência. *REDUH – Revista de Educação Histórica*, 2015, p. 139–151.
- LEITE, Priscila G. O Ensino de História Antiga no Brasil: Percepções a partir das propostas da BNCC. In: NETO, J. M. G. DE S.; MOERBECK, G.; BIRRO, R. M. *Antigas Leituras: ensino de História*. Recife/Rio de Janeiro: EDUPE/Autografia, 2020. p. 93–113.
- MOERBECK, Guilherme. Em defesa do ensino da História Antiga nas escolas contemporâneas: Base Nacional Curricular Comum, usos do passado e pedagogia decolonial. *Brathair* 21 (1), 2021. p. 50-91.
- SILVA, Uiran G. da; OLIVEIRA, Gustavo J. D. Editorial. *Mare Nostrum – Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo*, v. 8, 2017, p. iv-vii.

PÔSTERES

Local: Pátio interno do Bloco B (térreo)

Data: 29/11

Horário: entre 18h30 e 19h30

1. Bicentenário da Decifração dos Hieróglifos e o Ensino de Língua Egípcia

Autores: Caio Filipe dos Santos Negreiros (UFRRJ), Emanuel Amaro Dos Santos Fernandes (UFRRJ), Julia Annido Nunes (UFRRJ), Marcos José de Araújo Caldas (UFRRJ/UFRRJ - PPGLC), Matheus Bittar de Paula Tavares (UFRRJ), Nely Arrais Feitosa (UFRRJ), Yasmin Gomes Cardozo (UFRRJ)

Resumo: Em comemoração aos 200 anos da decifração dos textos hieroglíficos, por Jean-François Champollion (1790-1832), este pôster tem por objetivo valorizar os estudos sobre a Antiguidade Oriental e o ensino de história, estimular o aprendizado da língua e cultura no Egito clássico e apresentar os resultados do projeto de extensão intitulado Língua Egípcia: rudimentos à decifração de hieróglifos e histórico da língua – realizado pelos discentes integrantes do recém fundado Laboratório de Línguas Antigas (LALIA/UFRRJ), pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

2. A mulher em Homero e a relação entre casamento, rapto e estupro

Autora: Emily Sanches Almeida de Sousa (UnB)

Resumo: Apesar de sua narrativa ser dominada pelo heroísmo masculino, as conhecidas obras de Homero (Ilíada e Odisseia) possuem uma significativa presença de mulheres. Sua circulação, violação de seus corpos e de sua liberdade é uma constante importante para a jornada dos personagens e para o desenrolar da história. Nesse contexto, três categorias se mostram essenciais para o entendimento dessas violações: o casamento, o rapto e o estupro. Trata-se de ocorrências cuja correlação é notória nos poemas, mas mesmo assim essa estreita relação parece não ter sido discutida com a devida atenção na historiografia sobre Homero ou até mesmo na historiografia sobre a sociedade grega de forma geral. Sendo assim, este trabalho de Iniciação Científica pretende explorar essas questões na obra de Homero. Com isso, espero contribuir para o debate sobre o tema das mulheres nessas obras oferecendo um estudo no qual se tenta entender os pontos de conexão e diferenciação entre esses três elementos.